

LAURA MEIRA BONFIM MANTELLATTO

INDIVIDUALIZAÇÃO NA CIDADE:

**uma leitura sobre a escolha de jovens universitários por morar
só.**

ASSIS

2018

LAURA MEIRA BONFIM MANTELLATTO

INDIVIDUALIZAÇÃO NA CIDADE:

uma leitura sobre a escolha de jovens universitários por morar só.

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Psicologia (Área de conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: José Sterza Justo

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Processo N°: 2015/23687-7)

ASSIS

2018

M292i Mantellatto, Laura Meira Bonfim
Individualização na cidade: : uma leitura sobre a
escolha de jovens universitários por morar só / Laura
Meira Bonfim Mantellatto. -- Assis, 2018
78 f. : tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras,
Assis
Orientador: José Sterza Justo

1. Individualismo. 2. Urbanização. 3. Juventude. 4.
Psicologia Social. 5. Condomínio de apartamento. I.

Título.
Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos
pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: INDIVIDUALIZAÇÃO NO ESPAÇO URBANO: perspectivas sobre a escolha de jovens adultos por morar só

AUTORA: LAURA MEIRA BONFIM MANTELLATTO

ORIENTADOR: JOSÉ STERZA JUSTO



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em PSICOLOGIA, área: PSICOLOGIA E SOCIEDADE pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOSÉ STERZA JUSTO
Depto. de Psicologia Social e Escolar / UNESP/Assis

Profa. Dra. MARY YOKO OKAMOTO
Depto. de Psicologia Clínica / UNESP/Assis

Prof. Dr. PAULO ROBERTO DE CARVALHO
UEL / Londrina

Assis, 02 de outubro de 2018

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, José Sterza Justo, por ter acolhido a mim e a ideia dessa pesquisa, desde a iniciação científica. Da mesma forma, agradeço os(as) amigos(as) do grupo *Figuras e Modos de Subjetivação no Contemporâneo*. Dentre eles(as), destaco a contribuição de Paulo Victor Bezerra, com quem tive diálogos muito produtivos a respeito das ideias desse estudo.

Ao *Institute for Public Knowledge*, da *New York University*, por ter me recebido como pesquisadora visitante para realização do levantamento bibliográfico dessa dissertação. Agradeço, especialmente, a disponibilidade do meu orientador no exterior, Gordon Douglas.

Aos(às) professores(as) do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia da FCL Assis, com destaque para Mary Yoko Okamoto, Francisco Hashimoto e Danilo Saretta Veríssimo, que contribuíram significativamente para minha formação e, também, para o encaminhamento das minhas atividades de pesquisa.

Aos(às) funcionários(as) da FCL Assis, em especial à equipe da biblioteca e da seção de pós-graduação, dessa última, agradeço a atenção do funcionário Marcos Francisco D'Andrea.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo suporte financeiro concedido para realização dessa dissertação (Processo N^o: 2015/23687-7), bem como, pela oportunidade de ter realizado um estágio de pesquisa no exterior (Processo N^o: 2016/26252-4); tendo, assim, contribuído expressivamente para meu desenvolvimento e formação profissional.

À gentileza dos(as) estudantes que contribuíram para a realização dessa pesquisa, dividindo parte de suas histórias de vida e, também, suas experiências mais recentes em Assis. Muito obrigada!

Por fim, agradeço todos os gestos de amor e cuidado de amigos(as) e familiares que me acompanharam durante essa trajetória.

MANTELLATTO, Laura Meira Bonfim. **Individualização na cidade**: uma leitura sobre a escolha de jovens universitários por morar só. 2018. 78f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RESUMO

Este estudo aborda o fenômeno da moradia unipessoal enquanto reflexo dos pressupostos do projeto da modernidade, a saber, a individualização e o processo de urbanização. Adotando o recorte teórico da primeira geração da Escola de Chicago, procuramos localizar a continuidade presente entre esses dois conceitos, ou seja, o modo como as condições urbanas perpetuam um sentido maior de individualidade para os sujeitos. Com a finalidade de oferecer uma referência desse processo, investigamos a popularização da escolha por morar só entre jovens universitários numa cidade de médio porte do interior paulista, Assis/SP. Além do levantamento bibliográfico sobre o tema, uma pesquisa de campo foi desenvolvida em duas etapas, a saber: levantamento quantitativo a respeito da prevalência dos tipos de moradia entre os estudantes; e, por fim, a etapa qualitativa, que compreendeu entrevistas com estudantes que moram sozinhos(as), a fim de levantar as experiências e sentidos relacionados à escolha desse estilo de vida. Como resultado, encontramos que especificidades locais reeditam pressupostos da modernidade. Aproximando-se das experiências dos sujeitos da pesquisa, notamos que os valores familiares ainda representam um importante alicerce na sociabilidade brasileira, ao passo que a organização do espaço urbano transparece com maior nitidez um direcionamento espacial individualizante.

Palavras-chave: Individualização. Urbanização. Juventude. Morar só. Sociedade contemporânea.

MANTELLATTO, Laura Meira Bonfim. **Individualization in the city**: a view on the choose of young university students for living alone. 2018. 78f. Dissertation (Master's degree in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

ABSTRACT

This study deals with the phenomenon of living alone as a reflection of the presuppositions of the modernity project, namely individualization and the urbanization process. Adopting the first theoretical generation of the Chicago School, we aim to identify the continuity between these two concepts, that is, the way urban conditions perpetuate a greater sense of individuality for the subjects. In order to provide a reference of this process, we investigated the popularization of the choice for living alone among university students in a medium-sized city of São Paulo State, Assis/SP. In addition to the bibliographic survey on the subject, a field research was developed in two stages, namely: quantitative survey regarding the prevalence of housing types among students; and, finally, the qualitative stage, which included interviews with students who live alone, in order to bring up the experiences and senses related to the choice of this lifestyle. As a result, we find that local specificities reprint the assumptions of modernity. Approaching the experiences of the research subjects, we note that family values still represent an important foundation in Brazilian sociability, while the organization of urban space shows more clearly an individualising spatial orientation.

Keywords: Individualization. Urbanization. Youth. Living alone. Contemporary society.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
1.1. A corrente teórica da Escola de Chicago	09
1.2. A repercussão da Escola de Chicago no Brasil	12
1.3. Aproximações entre o espaço urbano (...)	13
1.4. O fenômeno de morar só como um campo de estudo	14
2. INDIVIDUALIZAÇÃO E ESPAÇO URBANO	19
2.1. O pensamento matricial de Georg Simmel	19
2.2. A psicologia social de George Mead	24
2.3. A concepção de cidade de Robert Park	27
2.4. Individualização e espaço urbano brasileiro	28
3. PESQUISA DE CAMPO E DISCUSSÃO	30
3.1. Fase quantitativa	31
3.2. Fase qualitativa	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
5. REFERÊNCIAS	53
6. ANEXOS	55
6.1. Itens referentes à aplicação do levantamento quantitativo.....	55
6.2. Itens referentes à aplicação do levantamento qualitativo.....	58
6.3. Entrevista com Manuela.....	61
6.4. Entrevista com Luiz.....	65
6.5. Entrevista com Giovana.....	69
6.6. Entrevista com Bruno.....	73
6.7. Entrevista com Natália.....	76

1. INTRODUÇÃO

A proposta de adotar a individualização na sociedade contemporânea como objeto de estudo na área da Psicologia Social, nos colocou frente a um desafio. Este é um conceito que possui diferentes escalas interpretativas, as quais se manifestam de acordo com o nível de abstração utilizado para estudá-lo. Na literatura psicológica, encontramos o chamado processo de *individualização*, responsável por elaborar uma descrição orgânica de maturação do self, orientado à conscientização da singularidade. Expandindo o panorama de análise, o viés das ciências sociais localiza a *individualização* como uma característica cultural do período contemporâneo, em que o sujeito é investido de maior autonomia para o exercício de sua individualidade, especialmente em relação à papéis/expectativas sociais outrora fixados. Assim, destacamos que esse conceito abrange tanto um aspecto constitucional da experiência humana, como também um importante apelo cultural da atualidade. Em vista disso, seria possível construir uma linha narrativa sobre o conceito de individualização respeitando essas diferentes gradações?

Farr (2016) traz apontamentos importantes que nos ajudam a resolver esse impasse. Para o autor, tal demarcação entre os conteúdos individuais e coletivos diz respeito ao processo de estabelecimento dos campos específicos de pesquisa entre as disciplinas do conhecimento. Historicamente, podemos notar que o estudo da consciência, escopo de análise que orientou o projeto científico da Psicologia, desenvolveu-se separadamente das investigações socioculturais. Ao seguir os pressupostos experimentais de pesquisa, a Psicologia demarcou um movimento de afastamento das Ciências Humanas e subsequente aproximação das Naturais. Dessa forma, a mente deveria ser estudada em sua objetividade, como um organismo independente, passível de controle através da aplicação de testes de estímulo-resposta que geravam comportamentos observáveis. Nesse mesmo contexto, os estudos sociais também se dedicavam à edificação de suas fronteiras científicas: Durkheim, por exemplo, era sobremaneira contrário à adoção da perspectiva individual para análise dos fenômenos da sociedade, uma vez que compreendia esse recorte como um mecanismo reducionista.

Diferente disso, e apesar de seus estudos laboratoriais, Wundt não deixou de enfatizar que, em alguma medida, acontecia uma aproximação entre a mente e os

conteúdos sociais, resultando no compartilhamento da linguagem e cultivo de valores culturais, por exemplo. O que não estava claro em sua produção teórica era o modo como esses dois níveis se encontravam: Farr (2016) compreende esse hiato como um reflexo da corrida científica própria daquela época. Afinal, Wundt não encontrava meios de demonstrar, experimentalmente, a reunião de qualidades individuais (organizadas de acordo com princípios das Ciências Naturais), com materiais coletivos (examinados num nível macrossocial no campo das Ciências Humanas). Para além de temas de estudo, esses conteúdos representavam a distinção entre metodologias de compreensão da realidade: pertenciam a organizações estruturalmente diferentes e, portanto, pareciam inconciliáveis no plano de investigação científico. Em vista disso, Farr argumenta que a herança desse processo foi a antítese estabelecida entre indivíduo e seu contexto sociocultural, cabendo à Psicologia Social a produção de sentidos num nível intermediário entre essas duas categorias.

Retomando o conceito de individualização, podemos entender com maior clareza o estabelecimento de suas diferentes gradações interpretativas, as quais retratam o legado desse percurso científico brevemente apresentado. Há de se enfatizar que essa constatação encaminha uma abertura em nosso horizonte de estudo: não nos cabe reproduzir a trama conceitual presente em cada um de seus níveis de interpretação, mas sim, explorar o espaço onde acontece, e a qualidade do encontro, entre uma característica própria da condição humana com um traço cultural específico da atualidade. Habermas (1990) aborda a intersecção entre tais níveis de significado ao reconhecer, na sociedade contemporânea, uma institucionalização do processo de singularização do indivíduo, de modo que, mesmo ao individualizar-se, haveria uma generalização do sujeito por se ajustar a essa normativa social. Em vista disso, o autor destaca a necessidade de se construir um cenário que permita a análise do jogo de forças entre esses termos, de modo a não fixar o entendimento sobre essa dinâmica num sentido determinista. O caminho teórico que permitiria o cumprimento dessa tarefa é indicado com assertividade:

(...) a única tentativa promissora de apreender conceitualmente o conteúdo pleno do significado da individualização do social encontra-se na psicologia social de George H. Mead. Ele coloca a diferenciação da estrutura de papéis em contato com a formação da consciência e com a obtenção de autonomia de indivíduos que são socializados em situações cada vez mais diferenciadas (HABERMAS, 1990, p.185).

Com base nessa informação, foi possível definir um referencial teórico que atendesse a intenção do presente estudo de contribuir para o estabelecimento de uma terceira via de significados, a respeito do tema em pauta. Ademais, Mead está inserido numa corrente teórica que nos permite investigar harmoniosamente tanto o aspecto mais abstrato que envolve esse conceito, como também aquele que elegemos como representante concreto do fenômeno de individualização. A saber, o crescente número de pessoas morando sozinhas nas cidades brasileiras, repercutindo uma tendência internacional de organização do espaço urbano.

1.1. A corrente teórica da Escola de Chicago

Indicado por Farr (2016) como aquele que inaugurou a Psicologia Social enquanto uma disciplina específica, Mead ministrou o primeiro curso sobre esse tópico na Universidade de Chicago, em 1900. O seu contexto de formação universitária abrange uma importante virada científica: a reforma empreendida por Humboldt, na Universidade de Berlim, responsável por modernizar o meio acadêmico, trazendo a pesquisa para o centro das atividades desenvolvidas nesse espaço. É a partir dessa circunstância, própria do século XIX, que se abrem inúmeras possibilidades de campos de investigação científica, bem como, um exercício de regulação sobre as disciplinas que germinavam, através premissas positivistas.

Farr sublinha que muitas das figuras que vieram a se tornar referências para certas áreas do conhecimento, ainda se dedicavam a estudar a sociedade em seus múltiplos níveis, sendo anteriores a uma cristalização de áreas de estudo específicas, ou mecanismos de investigação próprios, os quais ainda estavam por acontecer. Mead, de origem estadunidense, realizou sua formação nas universidades alemãs, onde teve aulas com Wundt. Além dele, Coulon (1995) afirma que outros nomes, que compuseram a primeira geração de docentes e pesquisadores da Escola de Chicago, realizaram seus estudos na Alemanha. É o caso de Small, responsável por estabelecer o primeiro departamento de Sociologia e Antropologia nos Estados Unidos, como também, Robert E. Park que inaugurou os estudos em Sociologia Urbana como um ramo de estudo específico.

O que podemos observar diante dessas informações é que muito da concretização dos ideais positivistas - referentes à categorização de campos

específicos de estudo – aconteceu em solo americano. A recém fundada Universidade de Chicago procurava incorporar as efervescentes ideias científicas de seu tempo e, quem sabe, projetar-se à frente dele. Coulon (1995) verifica que partiu dessa instituição a primeira revista de estudos em sociologia do mundo, a *American Journal of Sociology*, fundada em 1895, antecedendo a *L'année sociologique*, criada por Durkheim. O autor pontua que, parte do material publicado na revista americana, consistia em traduções de teóricos alemães, os quais, muitas vezes, eram publicados em primeira mão na língua inglesa, antes mesmo que fossem lançados em seu respectivo idioma nativo. No entanto, apesar da busca pela ascensão institucional que parecia direcionar esse esforço de segmentação disciplinar em Chicago, a produção teórica de seus autores ainda transmitia o traço de pluralidade e intersecção que envolve os temas referentes ao individual e a sociedade, os quais também estavam presentes na literatura alemã que adotavam como referência. Destaca-se que muitos desses teóricos deixaram essa universidade, em vista de sua excessiva rigidez positivista, encaminhando-se, principalmente, para Universidade de Columbia, em Nova York.

O reconhecimento de Mead para o desenvolvimento da Psicologia Social foi comprometido em razão de sua escolha por permanecer em Chicago. Souza (2011) explica que frente à divisão do Departamento de Filosofia e Psicologia da Universidade Chicago, dado em virtude da consagração de uma psicologia behaviorista, a qual visava romper com a tradição metafísica, Mead optou por se alocar no Departamento de Filosofia. Isso contribuiu para que seu curso se popularizasse muito mais entre sociólogos do que psicólogos, por exemplo. Ademais, a organização póstuma da produção de Mead, realizada pela editora dessa universidade, foi curiosamente intitulada de *Behaviorismo Social*. Tornando-o, dessa vez, pouco atrativo tanto para behavioristas quanto para sociólogos. Em vista desses acontecimentos, destacamos a percepção de um impulso de resistência, estabelecido por esses autores, contra as determinações positivistas de sua época. Parte disso, em razão do contato que tiveram com meio universitário e a produção intelectual alemã, mas também em virtude do interesse que compartilhavam por um fenômeno muito característico da virada entre os séculos XIX e XX: o ímpeto da urbanização.

O contundente desenvolvimento urbano transparecia uma série de questões que sinalizavam novas configurações para as relações sociais, verificadas desde o nível mais individual ao coletivo. A concentração de uma crescente variedade de

grupos, atividades, culturas, mecanismos de poder e resistências, chamava a atenção para o que se colocava entre essas categorias, ou seja: o que permitia que continuassem associadas, a despeito de toda carga de conflito que transbordava desse encontro? É daí que surge o interesse da corrente teórica, dessa primeira geração da Escola de Chicago, em estudar a interação social e, da mesma forma, sublinhar a existência de um jogo de negociação entre as diferentes unidades que compõem esse quadro heterogêneo. Sinteticamente, podemos dizer que é a área de contato entre esses múltiplos agentes que interessava aos autores. Uma vez que reconheciam a importância das variadas unidades sociais, fica claro que essa perspectiva buscava romper com a dicotomia que se estabelecia entre uma leitura excessivamente psicologizada do social ou, por outro lado, niveladora do sujeito, dada a partir da primazia dos conteúdos macrosociais.

Ademais, há uma referência comum entre os pesquisadores dessa corrente teórica: o alemão Georg Simmel. Ele é indicado por Coulon (1995) e Levine (1971) como um modelo para os estudos que vieram a se desdobrar em Chicago. Este autor também se colocou num espaço intermediário em relação à formatação de abordagens científicas que se firmavam naquele período, dedicando-se a escrever simultaneamente sobre um par conceitual que muito nos interessa: a relação que envolve a individualização com as especificidades do espaço urbano no contemporâneo. Levine aponta, como eixo estrutural do pensamento de Simmel, sua concepção de cultura em duas dimensões, a saber, uma subjetiva e a outra objetiva. A primeira diz respeito à produção de conteúdos macrosociais que antecedem a existência individual, sendo importantes agentes de regulação do meio social, como a linguagem e referências histórico-identitárias e religiões, por exemplo. O desenvolvimento do sujeito depende da apropriação desse tipo de conteúdo que, no entanto, se dá de forma enviesada, uma vez que cada indivíduo estará exposto e cultivará um campo de referências delimitadas pelas especificidades do seu contexto de crescimento e vivências.

Em vista disso, a cultura subjetiva permite a construção de um sentido de individualidade obtido através da exposição a determinados conteúdos objetivos, selecionados e organizados criativamente pelo sujeito. A capacidade acumulativa, bem como, a plasticidade a que tais produtos objetivos estão suscetíveis, enquanto parâmetros sociais, conduz sua capacidade de expansão a tal nível que a cultura subjetiva não é capaz de processá-la por completo. Dessa forma, enquanto o

indivíduo utiliza-se de recortes da realidade, demandando uma fração de tempo para incorporar esse material à sua narrativa e perspectiva do social, a cultura objetiva da qual ele se nutre não cessa de se agigantar. Essa perspectiva dualística, através da qual Simmel observa a cultura, se estende para os demais eixos de sua obra como um mecanismo de análise bastante representativo do seu pensamento. No ponto intermediário entre dois fatores, o autor insere a existência do conflito como esfera de contato. É a partir daí que podemos notar uma dinâmica de interrelação e multi-determinação entre as unidades em estudo. Quando separadas entre diferentes campos do conhecimento, o espaço de encontro dessas partes que compõem a realidade é suspenso, assim como o entendimento que se pode estabelecer do que brota desse atrito.

Tendo construído uma leitura multifacetada dos fatores que envolvem a individualização e o espaço urbano, localizaremos Simmel como uma base comum da qual partiram as subseqüentes ramificações da Psicologia Social e dos estudos urbanos na área da Sociologia e Antropologia. O pensamento simmeliano ocupava um papel de destaque na organização dos conteúdos programáticos dos cursos ministrados em Chicago. Ademais, alguns desses pesquisadores americanos tiveram uma aproximação pessoal com Simmel, durante os anos de formação na Alemanha. É nesse sentido que reconhecemos um traço de continuidade entre essas produções teóricas, especialmente por partilharem do interesse pelo núcleo de contato entre as categorias sociais, afastando-se da prática científica corrente de polarização entre indivíduo e sociedade.

1.2. A repercussão da Escola de Chicago no Brasil.

Lopes (2005) elenca a tradição de Chicago como o principal referencial para os estudos urbanos no Brasil. O sociólogo e integrante dessa instituição, Donald Pierson, dedicou seu estudo de doutorado ao entendimento das relações raciais na Bahia, tendo visitado o Brasil ainda em 1935. No final dessa década, em 1939, Pierson foi convidado para assumir a direção da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Esse evento foi contemporâneo à formação de figuras eminentes do pensamento social brasileiro como Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro, por exemplo. Dentre as atividades empreendidas por Pierson, destaca-se a iniciativa em trazer apoio financeiro para promover pesquisas na área das ciências sociais, como

também, para que estudantes brasileiros realizassem estágios de pesquisa nos Estados Unidos. Por fim, ele também contribuiu para o estabelecimento da primeira biblioteca no país dedicada aos estudos sociais, fomentando a difusão de autores americanos em nosso país. Lopes indica que a influência do pensamento social estadunidense da Escola de Chicago atingiu, da mesma forma, a produção em antropologia urbana de Gilberto Velho, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autor que traduziu e organizou a publicação de ensaios clássicos dessa corrente teórica para o português.

1.3. Aproximações entre o espaço urbano estadunidense e brasileiro

No entanto, essa repercussão não se restringe ao campo científico. Freitag (2006) enfatiza que o processo de urbanização brasileiro se apoiou no paradigma estadunidense, do qual temos uma referência bastante clara: o projeto do edifício Altino Arantes, inaugurado em 1947 na capital paulista, com clara influência do *Empire State building*, localizado em Nova York. Além da adoção dos edifícios como modo de solução arquitetônica para expandir as limitações urbanas, destacam-se as seguintes características modelares: a organização do espaço em setores específicos, de acordo com o predomínio das atividades ali inscritas; o estabelecimento das habitações em condomínios; a popularização de *shopping centers*, hipermercados e lojas de departamentos; e, por fim, a consagração do automóvel como principal meio de mobilidade urbana. É necessário fazer a ressalva que, o salto das taxas de urbanização brasileira, dadas a partir da década de 1970, está contextualizado no período da ditadura militar, em que há uma efetiva articulação dos valores ideológicos americanos no país. Desse modo, exploraremos o desenvolvimento urbano brasileiro em suas particularidades estatísticas e transformações engendradas nas relações sociais. A leitura sobre essas características estará direcionada à crescente manifestação da moradia unipessoal¹ no estilo de vida dos(as) brasileiros(as). Em vista disso, nos aprofundaremos nos modos como essa condição pode ser interpretada sob os valores culturais brasileiros.

¹ Termo adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para categorizar os arranjos domésticos compostos por apenas uma pessoa, ou seja, por alguém que mora só.

1.4. O fenômeno de morar só como um campo de pesquisa

Figurando como uma característica em ascensão nas últimas décadas, o tema da moradia unipessoal é, da mesma forma, novo enquanto objeto de estudo em pesquisas acadêmicas. A presente dissertação será a segunda na área de Psicologia e, especificamente, a primeira no ramo da Psicologia Social a abordar esse tema. Durante o processo de desenvolvimento dessa pesquisa, notamos uma reprise do processo de polarização dos fenômenos sociais, entre leituras psicologizadas ou estritamente macrosociais. Dessa forma, ao abordar a moradia unipessoal por um viés mais dinâmico, embasado pela corrente teórica da Escola de Chicago, procuramos estabelecer uma abertura nas possibilidades de interpretação sobre esse conteúdo. Elencamos, a seguir, o campo onde esta pesquisa se insere entre as produções já realizadas. Mediante a busca das palavras-chave: morar só; cidade; contemporaneidade, nas bases de dados *Scholar Google*, *Biblioteca Digital de teses e dissertações da USP*, *Banco de Teses/CAPES* e *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*, construímos a tabela a seguir:

Autor(a)	Ano	Título	Cidade de dados	Instituição	Área
Andrade, G. M. P.de	2013	<i>A casa na cidade: uma leitura junguiana da experiência de jovens que moram sozinhos</i>	São Paulo/SP	Universidade de São Paulo (USP)	Psicologia
Martins, R. I.	2010	<i>Só há solidão porque vivemos uns com os outros: estudo sobre as vivências de solidão e sociabilidade entre mulheres que vivem sós no Rio de Janeiro</i>	Rio de Janeiro/RJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Antropologia
Gonçalves, E.	2007	<i>Vidas no singular: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo</i>	Goiânia/GO	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	Sociologia
Carvalho, S. L. T.	1997	<i>Home Sweet Lonely: solidão e pós-modernidade</i>	São Paulo/SP	Universidade de São Paulo (USP)	Sociologia

Tabela 1. Produção acadêmica sobre a moradia unipessoal no Brasil.

A dissertação de Martins (2010), e a tese de Gonçalves (2007) adotam como horizonte o aspecto emancipatório que a individualização proporciona para grupos até então coibidos pela tradição patriarcal, no caso, mulheres adultas que optam pela residência unipessoal. As duas autoras utilizam como método de coleta de dados entrevistas com as pessoas que vivenciam essa condição, em diferentes capitais do país, respectivamente Goiânia/GO e Rio de Janeiro/RJ, para em seguida desenvolverem considerações sobre o tema, como também, utilizam-se de reportagens veiculadas por meio de revistas e jornais que, muitas vezes, propagam uma ideia discriminatória sobre a experiência de estar só associada ao gênero feminino. A dissertação de Carvalho (1997) não se atém a tal recorte: trata-se de uma pesquisa bibliográfica de confronto entre autores e o conteúdo veiculado pela mídia sobre as mudanças em curso na estruturação familiar e sociabilidade brasileiras. O ponto de chegada do autor, no entanto, é distópico na interpretação que constrói, tendo como referência Lasch (1979) e a sociedade sitiada pelo narcisismo.

O mais recente dos trabalhos, Andrade (2013), tem como aspecto central a perspectiva fenomenológica que abrange a experiência de jovens universitários que moram sozinhos. O método de pesquisa do autor também é embasado em entrevistas com essas pessoas, homens e mulheres, além disso, o autor solicita aos sujeitos que tirem fotos de suas partes favoritas da casa, as quais, somadas ao conteúdo verbalizado, constituíram o material de análise. A preocupação de Andrade (2013) é destrinchar a continuidade existente entre a subjetividade e o espaço habitado, de modo a desvelar traços que se refletem um no outro, evidenciados pela vivência da solidão. Durante o processo de revisão bibliográfica preliminar, podemos encontrar, também, artigos científicos que exploram a condição de morar só na atualidade, como: Buffon (2011), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), "Morar só: uma etnografia do espaço doméstico de um grupo de homens das camadas médias intelectualizadas"; e Camargos et al (2011), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) "Idoso, família e domicílio: uma revisão narrativa sobre a decisão de morar sozinho".

Com exceção de Andrade (2013), o conteúdo bibliográfico a respeito do morar só enquanto um estilo de vida possui como protagonistas a idade adulta e velhice, outorgando a essa condição um viés de maturidade implícito para o seu exercício. Ademais, todas as pesquisas realizadas até o momento, incluindo os artigos referenciados, foram realizadas em capitais de grande porte, sugerindo que se trata

de um fenômeno metropolitano. A especificidade desta pesquisa em relação às demais pode ser visualizada em dois aspectos. O primeiro diz respeito à faixa etária com qual será empreendida a pesquisa, diferenciando-se do cenário já estabelecido de pessoas mais velhas ocupando as residências unipessoais. Investigaremos junto à população jovem a preferência, e as experiências que advém, pelo espaço que reforça a individualidade, tendo como ponto de interesse, da mesma forma, questões como a composição familiar dessas pessoas, além do sistema de relações em que está inscrita, entre outras. O segundo aspecto condiz ao local em que será realizada: uma cidade de médio porte localizada no centro-oeste paulista, fundada em 1906, contanto com uma população de aproximadamente 100.000 habitantes, Assis/SP. Com base nos dados do censo (IBGE, 2011), o arranjo doméstico de maior incidência nesta cidade é aquele onde 02 pessoas dividem a mesma residência, 27% do total. A moradia individual também figura numa quantidade significativa, correspondendo a 13% dos domicílios. Esse dado nos chama a atenção por ser proporcional à cidade de São Paulo/SP, onde o número de domicílios unipessoais corresponde a 14% (IBGE, 2016). Essa informação coloca em cheque a ideia de que a escolha, como também a multiplicação, da moradia individual seja própria dos grandes centros urbanos, podendo ser uma característica de igual desenvolvimento nos municípios de menor porte, o que é até então inédito na produção sobre o tema.

A ideia de realizar uma leitura do fenômeno de morar só, a partir do processo de individualização, surgiu, a princípio, enquanto uma associação estética. Visitando algumas cidades do interior paulista, que recebem um fluxo de estudantes por comportarem importantes sedes universitárias, percebemos um padrão na organização espacial desses lugares. Há a disposição de prédios, ou condomínios térreos de quitinetes, nas áreas mais próximas das faculdades. A iniciativa de construção desse tipo de moradia parte, na maioria dos casos, de moradores locais que procuram aumentar suas rendas com os aluguéis pagos pelos estudantes. Em vista disso, o investimento financeiro não é tão grande, refletindo na escolha de materiais e acabamentos mais simples para essas edificações. Outro aspecto a ser destacado, é a excessiva subdivisão do terreno, gerando unidades domésticas minúsculas, mas que, no entanto, poderão reunir uma quantidade maior de locatários e, conseqüentemente, gerar mais lucro. A popularização desse tipo de construção em Assis/SP é recente, tendo atingindo maior notoriedade nos últimos oito anos. Alguns exemplos desse tipo de edificação estão nas fotos a seguir:



Imagem 1. Construção de quintinetes murados entre si. Assis/SP, 2015, acervo pessoal.



Imagem 2. Prédio de quintinetes em construção. Assis/SP, 2015, acervo pessoal

Para além da questão estética, o conceito de individualização enquanto marca da contemporaneidade, é desenvolvido, principalmente, por teóricos europeus, refletindo um traço cultural que se relaciona com o momento histórico e político de seus respectivos países. A despeito de ser elencado como uma das frentes do processo de modernização, dado como reflexo de uma organização social mais flexível, em vista de um cenário pós-tradicional (Giddens, 2002), a aplicação de modo

irrestrito desse conceito para fazer a leitura de um fenômeno local não parecia razoável. Desse modo, procuramos articular esse conceito com a referência concreta às transformações urbanas de individualização dos espaços, a respeito das quais, a popularização de habitações tipo quitinetes, é bastante expressiva. Queremos demonstrar com isso que, os referenciais de modernização não são, necessariamente, apreendidos em todos seus aspectos, no sentido de afetar e transformar preceitos, moralidades, entre outros. Principalmente porque entram numa esfera de conflito com a cultura local, aspecto que também será explorado nessa dissertação. Conquanto, a localização material desses preceitos é sobremaneira mais fácil de ser empreendida, especialmente no que se refere à consagração do espaço urbano, elemento chave do processo de modernização.

2. INDIVIDUALIZAÇÃO E ESPAÇO URBANO

2.1. O pensamento matricial de Georg Simmel (Alemanha, 1858-1918)

Com o intuito de traçar um panorama onde o fenômeno de individualização e o projeto urbano se interconectam, Simmel (1971) se atém a examinar essas duas características do projeto de modernização, em princípio, através de breves apontamentos históricos. Para ele, a progressiva evidência dada à individualidade, no sentido em que é entendida atualmente, foi estabelecida pelo movimento Renascentista. No entanto, o modo como esse aspecto se desdobrou em algumas ramificações interpretativas, deve ser estudado em associação com características políticas e econômicas posteriores a essa corrente. Uma vez comprometida a credibilidade das instituições tradicionais, responsáveis por organizar a dinâmica social através de valores altamente questionados pelo campo intelectual, como o Iluminismo, abriu-se um espaço de visibilidade à situação contrastante entre os indivíduos, que outrora foi sustentada pelo regime estamental da Idade Média. Em vista disso, os limites da individualidade foram preenchidos com a ideia de igualdade, que funcionou como um contraponto às justificativas usadas para manter uma desigualdade estacionária, a qual funcionava como regra naquela sociedade. Essa noção foi fundada em uma visão universal do indivíduo, sustentada pela ideia de essência comum à humanidade, garantindo a todos uma semelhança inata; assim, a

sociedade deveria ser organizada de modo que essa condição pudesse ser respeitada.

A busca por um arranjo democrático, no campo político, expressa como esse sistema de ideais se fortaleceu, resultando no marco de início da Idade Moderna: a Revolução Francesa. Além das famosas palavras de ordem *liberté, égalité, fraternité*, é importante enfatizar o estabelecimento da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), que demarcou o indivíduo como unidade social e reivindicou a proteção de seus direitos. Em vista disso, buscava-se estabelecer limites em relação a um exercício de poder rigidamente hierarquizado, através da institucionalização de um princípio de horizontalidade entre os cidadãos e seu sistema de governo.

Os seguintes acontecimentos que se desenrolaram na Europa, como a Revolução Industrial e a conseqüente visibilidade dada às diferenças das classes sociais, popularizadas pelo marxismo, trouxeram à tona como os valores da modernidade poderiam se contradizer, abrindo uma dinâmica de constante revisão e transformação em seus próprios paradigmas. As famosas mobilizações populares de 1848 significaram não apenas o reconhecimento da permanência das desigualdades e da exploração entre os grupos sociais, mas ocorreram num contexto urbano mais heterogêneo. Os estados nacionais estavam sendo formados progressivamente, enquanto a tecnologia, a economia e a organização racional das massas populacionais no espaço também foram desenvolvidas. Dessa forma, essas condições de vida apresentadas no século XIX começaram a ampliar a complexidade de alguns conceitos referenciais da modernidade, especialmente a noção de individualidade.

Se durante o século XVIII a individualidade foi qualificada a partir da ideia de uma essência universal, que colocava a todos numa posição de igualdade, as especificidades do século XIX trataram de inseri-la no quadro de uma crescente diferenciação entre indivíduos, transpondo a ideia de um ser genérico.

Depois que o indivíduo foi libertado das correntes enferrujadas de culpa, status hereditário e igreja, a busca pela independência continuou até o ponto em que os indivíduos (...) também queriam se distinguir uns dos outros. (SIMMEL, 1971, p. 222, tradução nossa).

Essa variação de significados sobre a individualidade também segue condições sociais específicas relacionadas à economia. Simmel entende que o desenvolvimento do liberalismo na Inglaterra foi uma contribuição estrutural para o desdobramento

dessa questão. Stuart Mill (2006), uma das principais referências do pensamento liberal, enfatizou a individualidade como um campo em atrito com a interferência de questões provenientes do Estado e da sociedade, as quais representam o esforço de normatização do sujeito. À luz disso, esse autor argumenta que devem ser preservadas as liberdades de pensamento, sentimento e opinião, tendo como único limite a garantia desses mesmos direitos para o outro. Assim, a concepção de individualidade expandiu seu direcionamento quantitativo, que enfatizava a existência de um nível de universalidade e igualdade entre os sujeitos, de modo a concebê-los como múltiplas unidades de um todo, para uma visão qualitativa. Em vista disso, houve uma abertura para a ideia de um sistema de significados íntimo que deveria ser cultivado pelo indivíduo, no sentido de uma autodeterminação. Os valores compartilhados, sustentados pela tradição, estavam perdendo seu lugar para uma organização mais racional, baseada em questões democráticas que – pelo menos em teoria - deveria administrar e atender às diferentes necessidades daqueles que compunham a sociedade. Dessa forma, garantindo não a igualdade, mas sim, a equidade entre as variadas demandas dos grupos sociais que, progressivamente, se associavam com base em referências identitárias comuns.

Atentando-se para as especificidades do ambiente urbano, Simmel (1903) elenca alguns fatores que contribuíram para o estabelecimento dessa leitura qualitativa da individualidade. De acordo com o autor, a cidade contemporânea desperta dois níveis de percepção na vida cotidiana dos indivíduos: um racional e outro emocional; os quais são nutridos pela alta quantidade de estímulos que intensificam a atividade psicológica nesse ambiente. Se, por um lado, há a abertura de espaço para uma autorreferência que será explorada no sentido da individualidade, também se estabelece a necessidade de proteção contra uma carga excessiva de estimulação. A individualidade encontra-se na esfera emocional, onde são cultivadas as relações interpessoais, assim - por localizar-se num nível íntimo - o indivíduo tem sua particularidade explorada e reconhecida entre aqueles que lhe são próximos. Por outro lado, a racionalidade surge como uma espécie de percepção simplificada sobre a maior concentração de pessoas da cidade, onde não se pode processar toda a complexidade a que a subjetividade é exposta. Portanto, a racionalidade funciona como um filtro, direcionando o sujeito através de certos comportamentos sociais generalizados.

Assim, há diferentes níveis de contato entre as pessoas na vida urbana: ao mesmo tempo em que esse espaço promove a sensibilidade a um contorno de individualidade (experimentado na esfera íntima), a atmosfera citadina também endossa uma convivência impessoal entre os seus habitantes, especialmente na dinâmica da multidão. Simmel destaca o viés heterogêneo do urbano, onde as pessoas se deslocam entre variados espaços/grupos, em relação aos quais compartilham um ou outro elemento de identificação. Dessa forma, a postura elementar a ser adotada na cidade se refere a um comportamento reservado, onde se transparece um traço de indiferença em relação aos demais. No entanto, internamente, essa diversidade de conteúdos a qual o indivíduo é exposto sensibiliza a necessidade de estabelecer a si mesmo como um campo de referência. Isso acontece porque, se as pequenas comunidades estavam concentradas ao redor de um núcleo com narrativas e papéis sociais definidos, o desenvolvimento das cidades modernas trouxe condições expansivas de identificação e movimento para os indivíduos, rompendo com orientações pré-fixadas. Uma vez que a cidade sustenta a segmentação das esferas de trabalho, economia e cultura, há uma lógica centrífuga operando, ampliando a diferenciação e, portanto, contribuindo para envolver um aumento no número de unidades contrastantes.

Esse chamado à individualização é tratado por Simmel (1904) como um impulso constante nessas formações sociais. Isso também se reflete - numa leitura biológica - na reprodução do DNA, que se dá preservando certas características hereditárias, mas também promovendo a variação desse conteúdo. Uma vez reconhecidas essas duas forças que operam nos agrupamentos (adaptação e diferenciação), o autor pontua que há maneiras específicas de equilibrar essas tendências. A adaptação é vista como um modo de compartilhar a responsabilidade sobre uma escolha ou comportamento com os outros, deixando de lado o potencial criativo, portanto, o processo de diferenciação. Considerando o cenário da sociedade contemporânea, a moda² funciona como um exemplo de mecanismo para equilibrar essas tendências sociais. Através dela, pode-se desfrutar da sensação de pertencer a um grupo específico, com o qual se compartilha as mesmas preferências, estilo ou

² O texto consultado em língua inglesa, portanto, traduzido da versão original em alemão, adota a palavra *fashion* para nomear esse mecanismo. No entanto, vale ressaltar que o termo se refere à um nível mais abstrato que regula a generalização/diferenciação dada a partir da adoção, ou não, de comportamentos, e demais disposições que, em conjunto, compõem a identidade. Ou seja, são modos de se projetar socialmente que transparecem referência ou antagonismo, no nível identitário, em relação a determinado conteúdo socialmente partilhado.

comportamentos. Por outro lado, esse mecanismo também pode contornar o sentido de individualidade, quando se estabelece um contraste em relação ao padrão adotado pelos demais.

Portanto, Simmel entende a moda como uma estratégia que engloba e, ao mesmo tempo, neutraliza o conflito entre individualização *versus* ajuste. Frente a um horizonte social heterogêneo, que comporta múltiplas referências identitárias, a moda consiste numa espécie de jogo, ou como o a expressão permite dizer, são variadas características distintivas que podem ser vestidas, trocadas, combinadas ou simplesmente desconsideradas. Fazendo uso desses aparatos, o indivíduo experencia a condição de pertencimento ou diferenciação diante de algo/alguém. Com isso, o autor chama a atenção para um certo aspecto de performatividade da individualidade, onde esses símbolos permitem a transmissão de conteúdos sobre o sujeito, favorecendo uma leitura a respeito de sua identidade entre as demais figuras que circulam pelo cenário urbano. Assim, a individualização consiste numa exploração criativa feita pelo indivíduo, equilibrando sua proximidade e distância entre grupos sociais e as referências identitárias estabelecidas, no sentido de alcançar um certo nível de diversidade que particularize a si mesmo e, com isso, enriquecer a multiplicidade do ambiente social.

Verifica-se que os movimentos individuais, de nivelamento e diferenciação, repercutem na forma de um tensionamento sobre as fronteiras dos agrupamentos sociais, no sentido de expandi-las. Assim, quanto maior a variedade de integrantes em um determinado círculo social, maior será a facilidade de integração de novos componentes. Seguindo esse raciocínio, o autor postula que, quando ligado a um círculo social estreito, a possibilidade do sujeito explorar sua individualidade será mais limitada, uma vez que passará pelo controle do grupo. Isso se dá em virtude da necessidade que essa pequena associação tem de garantir sua perpetuidade. Tal conflito traduz uma dinâmica paradigmática em que alguns membros do grupo estarão motivados para promover sua expansão, enquanto outros deles trabalharão para manter os limites mais restritos, exercendo uma força conservadora. À medida que o círculo possa começar a se expandir, apoiando o desenvolvimento das individualidades, esse grupo extenso será mais impessoal, e compreenderá múltiplas significações dadas no nível de intimidade dos/entre os integrantes: “uma intensificada individualização dos membros de um grupo é acompanhada de uma diminuição da individualização do grupo em si” (SIMMEL, 1908, p.259, tradução nossa).

No entanto, para que esse processo seja engendrado, é necessário que o sujeito tenha passado pela experiência de uma associação nuclear, onde a individualidade, no sentido de sua maturação, tenha sido cultivada com base nas relações interpessoais fixadas pela afetividade. Assim, a referência primária de si mesmo se dará através da mediação desempenhada pela figura de um outro. Uma vez estabelecido esse processo de desenvolvimento, será nesse grupo primário que o indivíduo passará a vivenciar, inicialmente, a dinâmica de aproximação e distanciamento dos valores ali perpetuados, ou, em outras palavras, o jogo entre individualização e nivelamento. Portanto, Simmel (1908) conclui que a trajetória contemporânea, em que se desdobra a modernização, a respeito da qual enfatizamos a consagração do espaço urbano e o uso do aspecto da individualidade enquanto uma importante diretriz de seu sistema de valores, é responsável por centralizar o enunciado à individualização nas experiências subjetivas, isto se dá enquanto uma estratégia de proteção à si mesmo, tendo em vista a vivência em um contexto urbano inconstante e heterogêneo.

2.2. A Psicologia Social de George H. Mead (Estados Unidos, 1863 - 1931)

Considerando seu tempo de formação nas universidades alemãs, Mead entrou em contato direto com as proposições teóricas de Wundt, de quem foi aluno. A relevância desse encontro, podemos dizer, direcionou os tópicos de estudo a que Mead dedicou sua carreira acadêmica. Esse autor ocupou-se em traduzir os volumes de estudos sociais realizados por Wundt, nos quais deixava em aberto o modo como se somavam conteúdos individuais e coletivos na esfera da interação. Tal como Simmel, Mead tinha como propósito romper com os dualismos a partir dos quais realidade social era estudada e, então, procurou resolver o quebra-cabeça deixado por Wundt. Se o pensamento simmeliano é capaz de retratar a dinâmica estabelecida entre individualização e espaço urbano, através de uma perspectiva mais panorâmica, Mead estabelece o mesmo recorte nessa zona intermediária como área de estudo, no entanto a partir de um ponto de vista mais aproximado dos pares. Com isso, propomos uma noção de complementariedade entre esses pesquisadores, tendo em vista que Mead desenvolverá a máxima proposta por Simmel de que, para integrar um ambiente social mais complexo, orientado à individualização, o sujeito precisa ter passado pela experiência de um círculo nuclear onde seu sentido de individualidade foi nutrido.

Em linhas gerais, partimos de algumas considerações fundamentais para o entendimento da teoria do autor em questão. Mead (2015) estabelece uma leitura social do processo de constituição da individualidade, para ele, a centralização de um self não se dá de forma inata, mas a partir das relações interpessoais. A linguagem será o mecanismo a partir do qual esse processo será cultivado, assim, até mesmo o pensamento é considerado como um ato social, uma vez que reproduz a ideia de referência a um outro como interlocutor. Dessa maneira, a atitude autoreflexiva pressupõe a mimese internalizada de um diálogo com outro alguém. O modo como duas figuras se comunicam, organizando informações, orientando-as ao outro e recebendo-as de volta de forma modificada, requer um ponto de fixação interno a partir do qual o indivíduo conduz essa troca. Tal internalização da experiência só pode ser estabelecida de forma indireta, através da abordagem de um outro, que direciona conteúdos ou estabelece referências em relação ao indivíduo: quando colocado numa posição de objeto para o qual o outro se refere, o self pode enxergar-se a si mesmo do mesmo modo, ou seja, exerce uma atitude autoreflexiva.

No contexto de uma sociedade mais diversificada, considerando a possibilidade do estabelecimento de vínculos com uma variedade de pessoas e grupos, o self, enquanto um epicentro da individualidade, se fortalecerá em razão do agrupamento de múltiplos espelhamentos que o sujeito recebe nesses encontros diversos. Segundo o autor, para cada relação estabelecida, haverá um contorno próprio do indivíduo, o qual foi traçado no campo intermediário que compreende o jogo de espelhamento do outro a respeito de si. Assim, a estrutura do self, como um todo, abrigará seus diferentes retratos, compondo uma narrativa das relações sociais em que está inserido. A somatória desses vínculos constituirá a figura de um outro generalizado, a partir da qual será direcionada a percepção do indivíduo a respeito de seu contexto social. Será através dessa categoria de abertura para uma perspectiva mais ampla e impessoal da comunidade que acontece o contato com as normas, a cultura e os valores que orientam o arranjo social.

Em vista disso, Mead estabelece dois níveis no processo de desenvolvimento do self. O primeiro deles diz respeito a colagem de referências do indivíduo a respeito de si mesmo, colecionadas a partir das relações interpessoais, estabelecidas em determinadas atividades sociais. A segunda etapa que demarcará sua maturidade é aquela em que, baseado no conjunto dessas experiências particulares, o indivíduo consegue estabelecer uma leitura mais abrangente de seu contexto, através da

concepção do outro generalizado, permitindo sua expansão e trânsito num campo social mais complexo e heterogêneo. Portanto, para experienciar seu sentido de individualidade, o sujeito dependerá de uma relação de proximidade com o outro, a partir da qual, mesmo sozinho, poderá acessar seu epicentro de forma reflexiva. Em relação à comunidade dada num sentido mais global, ele desempenhará condutas generalizadas próprias do meio sociocultural que o envolve.

Muito semelhante ao modo como Freud organiza sua teoria sobre a psique, levando Farr (2016) a especular que Mead foi um leitor dessas produções psicanalíticas, esse último autor propõe a existência de duas instâncias que compõem a estrutura de um self amadurecido: o *Eu* e o *mim*. Atuando como um mecanismo de agrupamento das expectativas direcionadas ao indivíduo no plano de suas relações pessoais e, em seguida, das normas sociais, o *mim* se refere a essa carga de conteúdos exteriores que conduzirá a adequação do sujeito ao seu meio de convivência. Uma vez inserido numa formação social mais complexa, a diversidade desses conteúdos – que podem ser contraditórios entre si – associado ao exercício de autoreflexividade, haverá o fortalecimento daquele epicentro da individualidade que tratamos anteriormente: daí se constituirá o *Eu*. Esse domínio é responsável por engendrar respostas criativas frente àquilo que chega ao sujeito, trata-se do campo pertencente a sua individualização.

O *Eu* é a resposta do indivíduo em relação às atitudes que vem dos outros; já o *mim* corresponde ao conjunto organizado de atitudes externas que o sujeito toma para si. As atitudes externas constituem o *mim*, enquanto que a reação empreendida em relação a elas parte do *Eu*. (MEAD, 2015, p.175, tradução nossa).

Assim, o autor compreende uma dinâmica de tensionamento entre essas duas categorias, de modo a atribuir um contorno de flexibilidade ao sujeito, o qual negocia o exercício de sua autonomia com as exigências que recaem sobre si enquanto integrante de um agrupamento – e/ou - em suas relações interpessoais. Esse jogo não cessa de acontecer, permitindo, inclusive, a adaptabilidade do indivíduo em diferentes contextos, a respeito dos quais ele entra em contato com sistemas valores específicos, mas também pode estabelecer antagonismos em relação a eles. Nesse processo, porém, há um duplo impacto que atinge tanto a figura individual, no sentido de diversificação de suas referências, como também ao contexto social que, em alguma medida, repercutirá as respostas individuais.

2.3. A concepção de cidade de Robert E. Park (Estados Unidos, 1864-1944)

Representando um dos principais acadêmicos responsáveis por tornar as concepções de Simmel populares nos Estados Unidos, Park estudou um semestre na Universidade Humboldt, onde participou das aulas ministradas por esse importante teórico. Levine (1971) indica que é possível reconhecer continuidades das ideias simmelianas nos estudos desenvolvidos por Park, em particular a noção de conflito entre unidades interagindo na dinâmica social, o que pode contribuir para manter a estabilidade desta, ou promover uma reação contra suas normas. Considerando essa característica estrutural, a possibilidade de deflagração de eventos espontâneos no ambiente urbano está sempre aberta. Park reforça que a cidade não se estabelece apenas por seus componentes físicos, mas é constituída por uma dinâmica social distinta que, juntamente com seu aspecto material, compõe sua complexidade. Em uma abordagem microssocial, o autor afirma que a cidade está diretamente presente na subjetividade de seus moradores, os quais incorporam essa espacialidade como um estado de espírito. Além disso, por uma perspectiva macrossocial, Park entende que o aspecto economia desempenhou um papel significativo na maneira de apropriação e uso do espaço urbano, sendo que a divisão do trabalho contribuiu paradigmaticamente para a formatação da cidade moderna. O aumento da segmentação de atividades e a necessidade de estabelecer uma conexão entre elas, traz a imagem de uma grande concentração (de pessoas, serviços, atividades, etc.) interligadas por vias e meios de transporte que garantem a mobilidade entre suas diferenciadas áreas. Assim, se o modelo pré-moderno de cidade reunia características familiares e tradicionais, a cidade moderna subverte essa qualidade, abrindo espaço para acomodar a concorrência, uma pluralidade de referências culturais e a concepção íntima de lar. Por sua vez, o espaço público é organizado de maneira mais racional e impessoal, onde os meios de transporte e o comércio têm papel de destaque. Toda intensidade desse *frenesi* é o que dá vitalidade à cidade moderna, onde há uma atmosfera de certa instabilidade que envolve o cotidiano de seus habitantes.

2.4. Individualização e o espaço urbano no Brasil

A profusão do pensamento da Escola de Chicago no Brasil deve-se, em grande medida, ao trabalho de Gilberto Velho, antropólogo urbano, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além de adotar esse referencial teórico em seus estudos, Velho traduziu e organizou a publicação de alguns títulos clássicos dessa corrente teórica. Esse autor procurava relacionar as frentes que compõem o processo de modernização, elencadas pelos pesquisadores de Chicago, com a realidade social brasileira. Para tanto, deve-se conceber os pressupostos de individualização e o desenvolvimento do espaço urbano, enquanto retratos de um processo em andamento que, em grande medida, se desenharão de um modo diferenciado, levando-se em consideração as especificidades sociais em jogo. Em vista disso, Velho (1997) sublinha que o contexto brasileiro sustenta uma forte qualidade conservadora que atuará diretamente no controle exercido sobre a individualização. Nesse mesmo sentido, Holanda (1995) já indicava que é, sobretudo, no âmbito familiar que a força conservadora opera e se reproduz de forma mais intensa: “as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição entre nós” (HOLANDA, 1995, p.195). Apesar de o país estar suscetível à ideologia moderna, as relações sociais operam segundo uma lógica tradicional, o que culmina num paradoxo entre o homem cordial e a cultura individualista, orientada ao fortalecimento da heterogeneidade. Assim, o paradigma de socialização do Brasil tem como eixo principal a cordialidade, a proximidade e combinação com o outro, em detrimento da relação do indivíduo consigo mesmo, a fim de diferenciar-se.

Velho (1987) explora essa condição ao salientar que o direcionamento de projetos individuais, dado num sentido mais contemporâneo de empoderamento a partir das frestas abertas pela repercussão dos traços de modernização na sociedade brasileira, é diretamente negociado no âmbito familiar, onde há uma tentativa de harmonizar esse ímpeto com as expectativas do grupo que o sujeito está inscrito. Portanto, mesmo diante do esforço de individualização, a centralidade dos interesses familiares deve permanecer intacta. Para o autor, no entanto, a sucessiva nuclearização dos modelos familiares, que vem se estabelecendo nas últimas décadas, reflete um certo enfraquecimento dessa instituição tão cara à cultura brasileira. De forma reativa, essa redução de integrantes implicará, na perspectiva de sua dinâmica interna, num maior controle empreendido em relação à individualidade

de seus integrantes, reforçando o vínculo de dependência entre seus membros. É nesse sentido que o autor pontua uma experiência de angústia relacionada ao movimento do sujeito demarcar sua individualidade, ao ultrapassar os limites do seu círculo familiar.

O fortalecimento dos valores de demarcação da individualidade estabelece um contraste nítido em relação a esse tipo de organização que reduz as possibilidades de diferenciação ou, até mesmo, de questionamento da estrutura hierárquica imposta nesse exercício de controle. Em vista disso, a escolha por seguir suas próprias determinações, invariavelmente ressoará como uma espécie de afronte em relação aos que ali decidiram permanecer, gerando um nível de conflito. Entretanto, o modo como essa situação será ressignificada passa pelo campo dos motivos que levaram o indivíduo a se afastar. Muitas vezes, quando essa questão envolve um motivo minimamente relacionado ao esforço de ascensão social, com um emprego ou estudos, a individualização representa a busca por, e uma futura atribuição de, maior prestígio social para aquela família, sendo essa uma narrativa mais popularizada.

O desenvolvimento de uma ideologia moderna individualista (...) deve ser visto, no caso da cultura brasileira, como (...) um processo não homogêneo (...) O destaque do indivíduo como sujeito e unidade social significativa de quadros de sociabilidade mais amplos não deve ser visto como mecânico, linear e, jamais, me parece, como fenômeno acabado. (VELHO, 1987, p.75).

A respeito do processo de urbanização, Santos (2013) também elenca algumas particularidades da realidade brasileira. Se a complexificação das cidades atingiu grande notoriedade nos Estados Unidos, ainda no início do século XX, é somente a partir de 1970 que esse processo se efetivará no Brasil, justamente quando se deu uma maior incorporação dos preceitos capitalistas no país, tendo em vista o desenrolar da Guerra Fria e o estabelecimento do regime de ditadura militar. Destaca-se, durante esse período, o esforço em se estabelecer vias de conexão no território nacional, permitindo o acesso com mais facilidade a materiais de exportação, bem como, o escoamento dessas mercadorias para as regiões portuárias. Frente a esse processo de interiorização do território, e conseqüente investimento financeiro nessas localidades mais afastadas, o autor pontua uma característica muito peculiar do desenvolvimento das cidades brasileiras, a saber, uma espécie de involução metropolitana, enquanto o crescimento econômico de pequenas e médias cidades é

superior, em virtude da centralidade que ocupam na produção e escoamento de materiais de exportação. A racionalização dos meios de exploração dessas matérias, simbolizado pelo recurso da tecnologia, permitindo um melhoramento da produção, acarretará em outro fenômeno muito particular: um fluxo de mão de obra altamente qualificada, proveniente das regiões metropolitanas para o interior do Brasil, ao passo que aquelas pessoas de origem dessas pequenas cidades migram para capital, por não possuírem os requisitos de formação que o sistema de produção mais informatizado demanda.

Uma vez construído esse cenário, enfatizamos nosso interesse em investigar, mais detidamente, o modo como esse sistema de valores da modernidade, em especial a individualização e o espaço urbano, se desdobram na realidade brasileira. O fenômeno da moradia unipessoal entre jovens que, afastando-se de seu círculo familiar, se mudam para uma cidade do interior de São Paulo a fim de concretizarem seus projetos de estudo, parece se ajustar muito bem às questões teóricas discutidas até então.

3. PESQUISA DE CAMPO E DISCUSSÃO

Essa etapa do estudo foi subdividida em dois momentos: o primeiro deles corresponde a um levantamento de dados quantitativos sobre a prevalência dos tipos de moradia³ entre estudantes matriculados no 3º ano dos cursos de graduação da Faculdade de Ciências de Letras de Assis (FCL UNESP); terminada essa fase, deu-se andamento ao estágio qualitativo da pesquisa, em que foram realizadas entrevistas com 05 daqueles(as) estudantes que moravam sozinhos(as). Considerando que esse estudo engloba a direta participação de seres humanos enquanto sujeitos da amostra, a pesquisadora seguiu as normas do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), criado pelo Conselho Nacional de Saúde, vinculado ao Ministério da Saúde que, com base na resolução nº 196/96, normatiza e regulamenta as práticas de pesquisa envolvendo pessoas. Todas as especificidades dos procedimentos a serem realizados devem ser apresentadas a esse comitê, o qual é responsável por avaliar os possíveis riscos e cuidados a serem tomados pelo(a) pesquisador(a), a fim de preservar a integridade

³ Tipos caracterizados de acordo com a quantidade de pessoas com que o(a) jovem divide o espaço de residência, são eles: mora só; mora com 01 pessoa; mora com 02 pessoas; mora com 03 ou mais pessoas.

de quem se dispõe a contribuir com o estudo. O aceite do CEP para o presente estudo foi obtido em 23 de agosto de 2016, tendo como Certificado de Apresentação para Consideração Ética (CAAE) o número 58105016.7.0000.5401.

3.1. Fase Quantitativa

A etapa quantitativa do estudo foi iniciada no dia 29 de novembro de 2016 e encerrada no dia 02 de dezembro do mesmo ano. Foram visitadas as salas de todos os terceiros anos dos cursos de graduação oferecidos pela FCL UNESP, na seguinte ordem: Psicologia, Biologia, Engenharia Biotecnológica, História e Letras. Naqueles cursos divididos em duas turmas (matutino e noturno) a pesquisadora realizou o levantamento de dados nos dois períodos. Destaca-se que houve um contato prévio com os(as) professores(as) que estariam ministrando as disciplinas, dessa forma, o dia e horário foram agendados de forma a não comprometer o andamento das aulas. A ida às salas aconteceu de acordo com o seguinte protocolo: a pesquisadora era apresentada pelo(a) professor(a) e a ela era concedida a palavra. Ela explicava aos estudantes o objetivo do levantamento de dados, enumerava as questões presentes na cédula⁴ que eles preencheriam, bem como, os orientava sobre o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁵, entregue em duas vias, uma delas devendo ficar sob posse do(a) estudante e a outra com a pesquisadora. Por fim, era feito o convite para que todos participassem e, caso algum(a) deles(as) não desejasse, poderia entregar tanto a cédula, como o TCLE, em branco, ou aguardar fora da sala de aula. As visitas levaram, em média, 20 minutos em cada turma e atingiu-se uma amostra de 191 estudantes; além dessa quantidade, 02 pessoas não tiveram interesse em participar da pesquisa e devolveram os itens anteriormente mencionados em branco, tal como fora indicado.

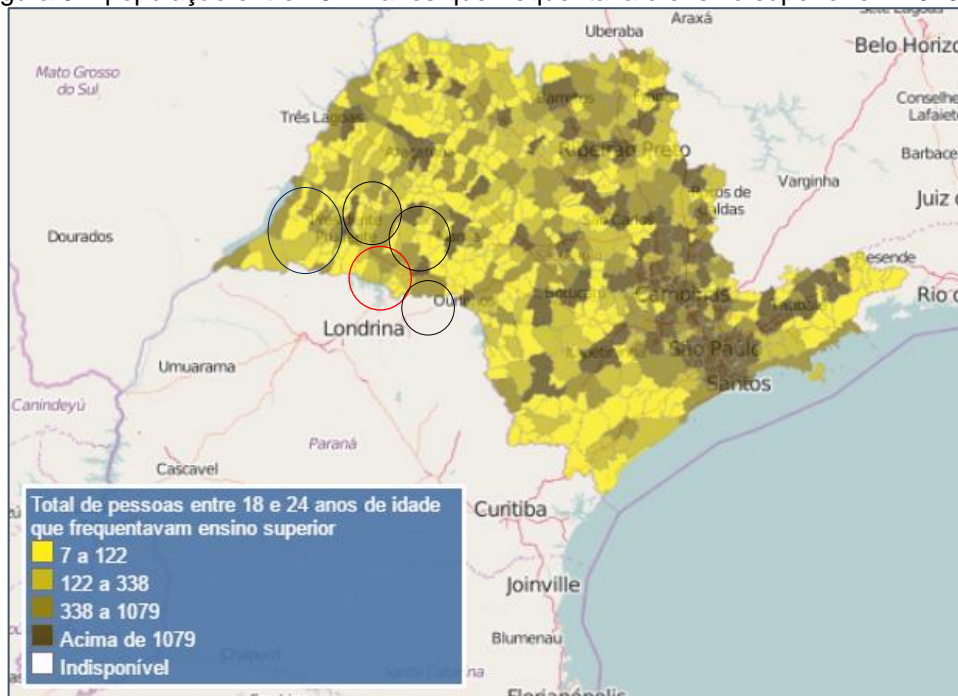
Os dados obtidos serão apresentados em comparação com aqueles fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao censo de 2010. Amparando-se nesse material, é possível notar algumas especificidades sobre a cidade de Assis/SP. Em 1958, a fundação de uma das sedes do Instituto Isolado de Ensino Superior nesse município que, posteriormente, foi agregado à Universidade

⁴ Ver Anexos

⁵ Idem

Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) contribuiu diretamente para o desenvolvimento dessa cidade localizado no centro-oeste paulista. O crescimento econômico e demográfico de Assis/SP nos chama a atenção quando comparado com as cidades vizinhas, especialmente por compartilharem a mesma história de fundação relacionada às atividades agrícolas e pecuária organizadas em torno da estrada de ferro Sorocabana, no início do século XX (MANTELLATTO, 2016). Além de ter ultrapassado a marca dos 100.000 habitantes, Assis/SP exerce a função de cidade média entre aquelas que a rodeiam, pois concentra o oferecimento de serviços públicos estaduais, tanto na área na saúde (Hospital Regional e Ambulatório Médico de Especialidades – AME), como também na educação, do qual a FCL UNESP é a maior representante. A figura a seguir indica como a presença dessa universidade interfere no arranjo populacional do município:

Figura 01: população entre 18-24 anos que frequentava o ensino superior em 2010.



(IBGE, 2011b)

Envolvida pelo círculo vermelho, observa-se que a cidade se destaca entre demais do Estado por abrigar uma grande quantidade de jovens universitários. Ao seu redor, os outros municípios indicados, respectivamente, Presidente Prudente, Tupã, Marília e Ourinhos (da esquerda para direita), também comportam sedes da UNESP. O fluxo de jovens para Assis/SP também está refletido na pirâmide etária, realizada com base no censo de 2010, que sinaliza a preponderância na população dessa cidade daqueles entre 20-24 anos (IBGE, 2011b). Com tais informações em vista, é

possível supor que a alta concentração de jovens é decorrente de um fluxo migratório estabelecido devido à presença da FCL, hipótese que pode ser confirmada com os dados da pesquisa de campo:

Gráfico 01.

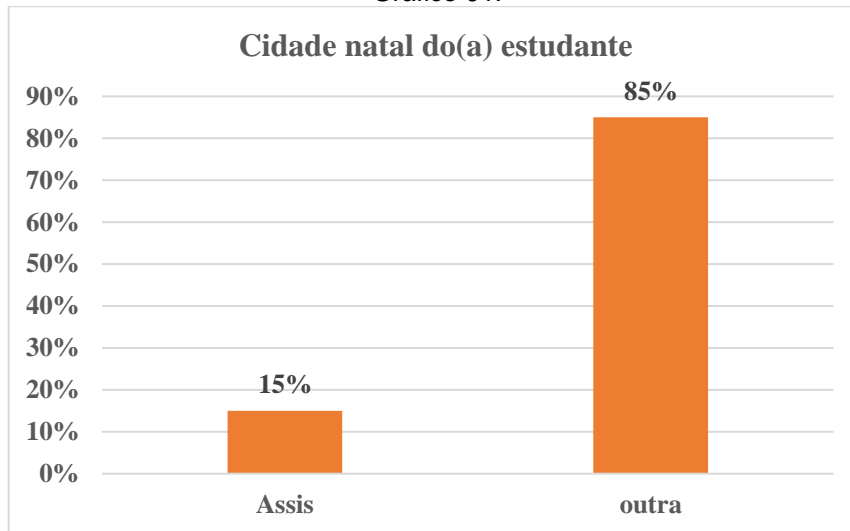


Gráfico 02.

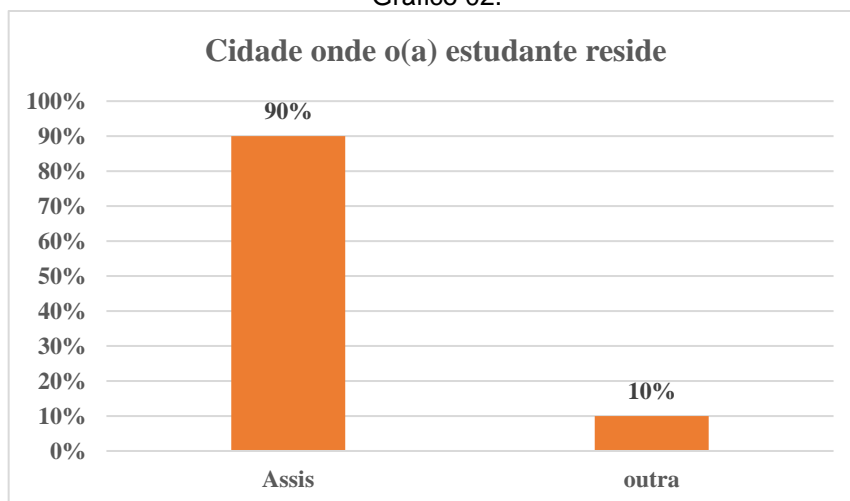
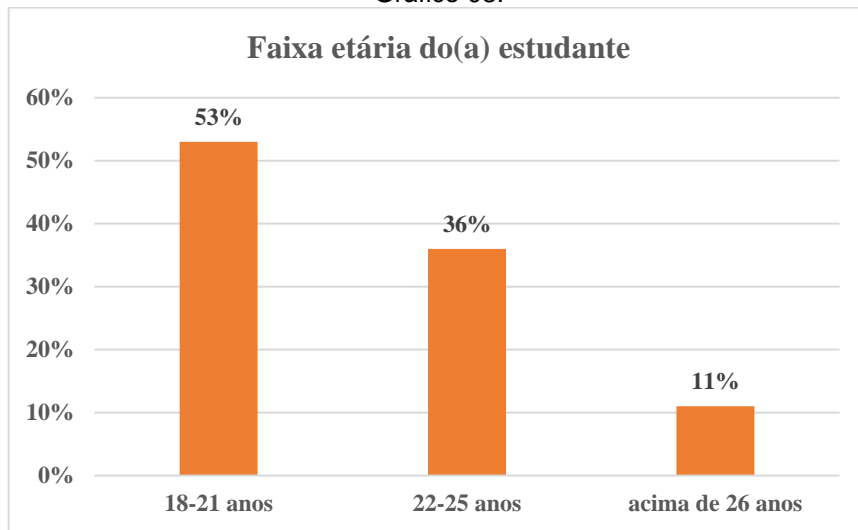
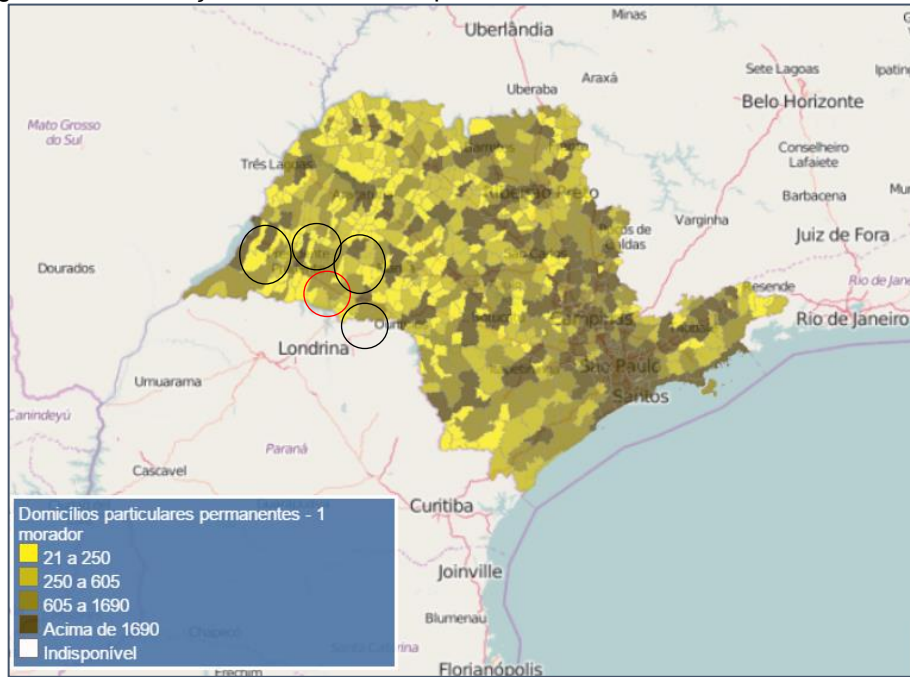


Gráfico 03.



Comparando os três gráficos, nota-se que há um expressivo deslocamento dos(as) estudantes vindos de outras cidades que tem como local de residência permanente Assis/SP. Além disso, a idade dos(as) jovens coincide com o grupo etário predominante no município, apontado pelo censo. Quanto à identidade de gênero, esta pesquisa verificou uma prevaente quantidade de mulheres entre os(as) estudantes que compuseram a amostra (gráfico 04). Novamente, esses dados coincidem com aqueles oferecidos pelo censo, já que nele temos a seguinte referência: 23% das residências em Assis/SP são alugadas. Dessas, 58% são alugadas por mulheres. (IBGE, 2011b). Aproximando-se do tema central de investigação, a análise da distribuição dos tipos de residência entre os(as) universitários(as) (gráfico 05), apontou que 16% deles(as) moram sozinhos(as). Apesar de ter sido o tipo menos comum, essa quantidade ainda é superior à média nacional revista em 2015, pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), publicada em 2016 pelo IBGE, que registra o contínuo aumento das pessoas que moram sozinhas, dessa vez, atingindo a marca de 14,6% do total de arranjos domésticos brasileiros. Ademais, a porcentagem registrada entre os(as) estudantes também é maior que a média assisense em 2010, onde 14% do total de arranjos domésticos eram unipessoais. Essa característica do município em questão é proporcional à maior cidade do país, São Paulo/SP, onde 14% das residências também são de pessoas que moram sozinhas. Isso faz com que Assis/SP se destaque entre as demais cidades da sua região, juntamente com aquelas que também possuem campus da UNESP (figura 02).

Figura 02: distribuição de moradias unipessoais no Estado de São Paulo em 2010.



(IBGE, 2011b)

Gráfico 04.

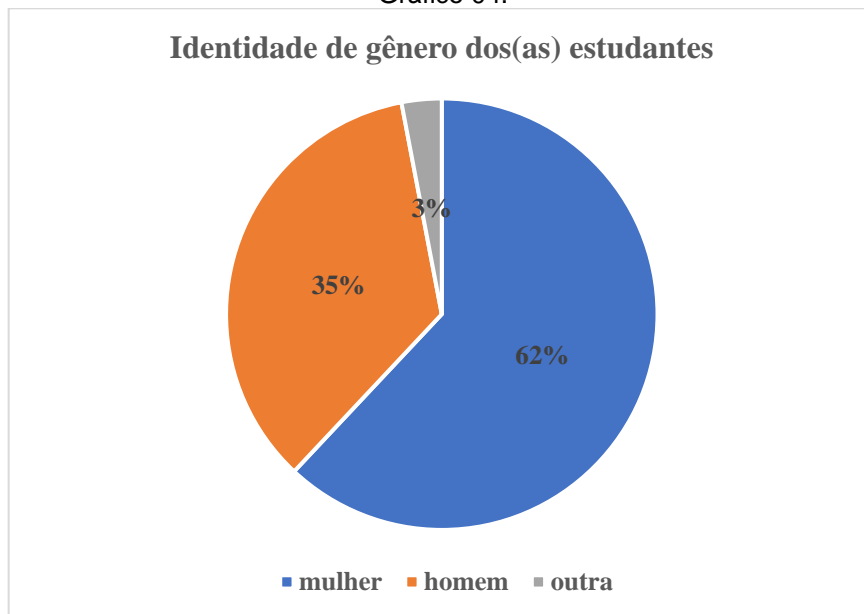
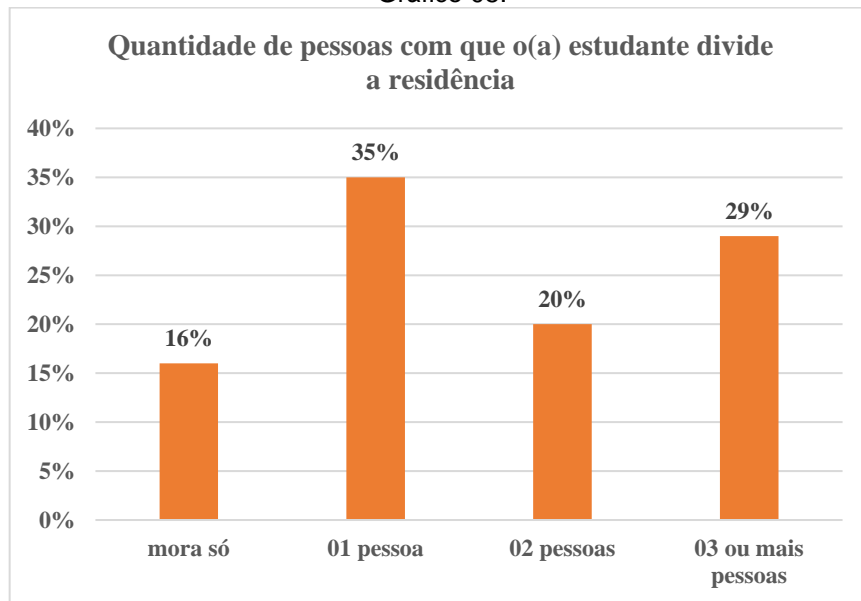


Gráfico 05.



Com base nos depoimentos de antigos(as) alunos(as) da FCL, coletados por Ferreira & Silva (2010), é possível verificar as transformações referentes à dinâmica urbana do município que, conseqüentemente, interferiram nos tipos de moradia dominantes entre os(as) estudantes. O campus da universidade foi construído num local afastado do centro, de modo que o trecho existente entre essas duas regiões não contava com infraestrutura básica, asfalto e iluminação, por exemplo. Assim, a convivência dos(as) jovens com a população da cidade era mais intensa, especialmente por compartilharem os mesmos bairros de moradia e, dessa forma, por se organizarem em repúblicas nas casas tipicamente construídas para abrigar um grupo familiar. Os relatos são assertivos ao descrever um conflito entre aqueles que vinham de fora e a população local, resultante tanto da proximidade física, quanto de um conflito de valores categorizado entre uma postura libertária dos(as) jovens que se chocava com a cultura conservadora dos assisenses. O conseqüente desenvolvimento econômico engendrado no município, dada a absorção dessa corrente migratória, possibilitou a expansão da malha urbana ao redor da universidade, onde foram construídas moradias específicas para os(as) universitários(as). A particularidade dessa iniciativa consiste na redução do espaço das residências, sendo predominantes as construções de 01 ou 02 quartos, comumente organizadas em condomínios. Não há dúvidas que há um forte interesse econômico nesse tipo de arranjo doméstico, especialmente representado pelo

aumento de pagantes de aluguel que, anteriormente, dividiam em mais pessoas um valor cheio estabelecido pelo(a) proprietário(a) da casa.

O predomínio dessas habitações voltadas aos(as) estudantes está refletido nos números apresentados no gráfico 05, em que o arranjo doméstico mais comum é aquele que o(a) jovem divide o espaço com apenas 01 pessoa, ultrapassando a porcentagem daqueles que moram com 03 ou mais pessoas, aludindo à organização de uma república. A respeito desse arranjo com maior quantidade de pessoas, é importante destacar que essa parcela também compreende os(as) residentes da moradia estudantil. Trata-se de um prédio que abriga, em média, 100 universitários(as) de baixa renda e, nos últimos anos, coletivos de estudantes que defendem políticas do acesso e permanência estudantil no ensino superior vem empenhando-se para garantir a ampliação dessas vagas.

Reaproximando-se do tema das residências unipessoais, a análise mais detida sobre esse grupo de estudantes nos ofereceu as seguintes informações: todos(as) que moram sozinhos(as) vieram de outras cidades e residem em Assis. Além disso, constatou-se que a maioria deles(as) são os(as) mais jovens dentre as faixas etárias abordadas (gráfico 06). A quantidade de mulheres também é significativamente maior do que de homens morando sozinhos, conforme indica o gráfico 07.

Gráfico 06.

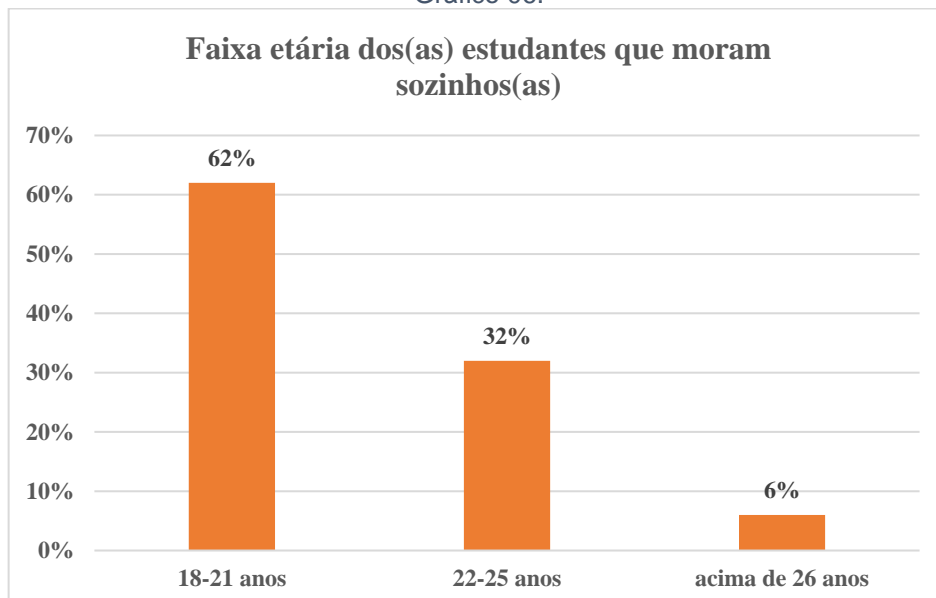
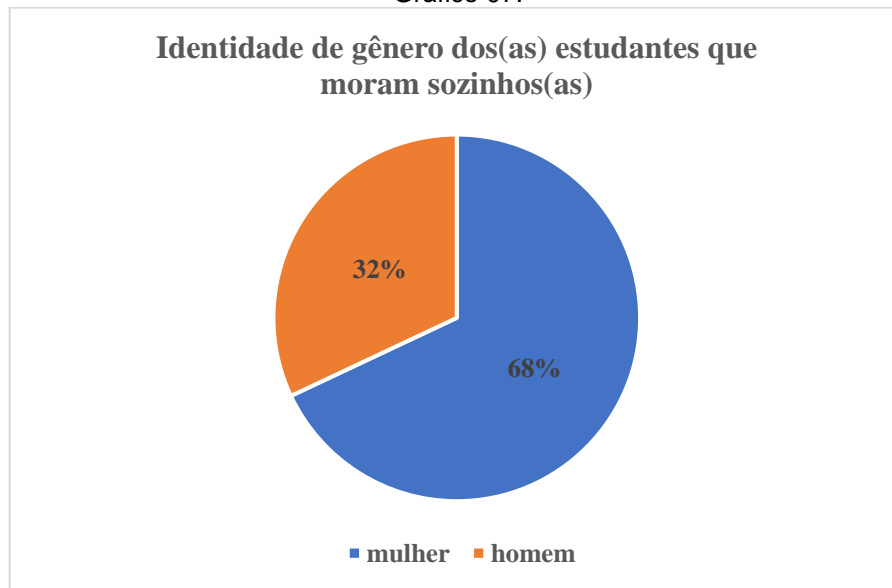
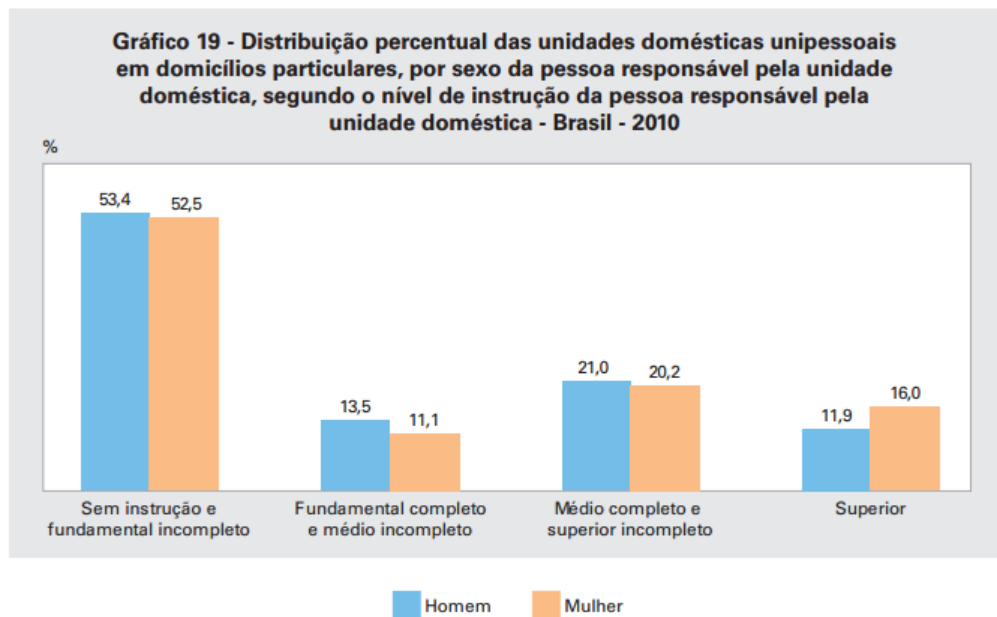


Gráfico 07.



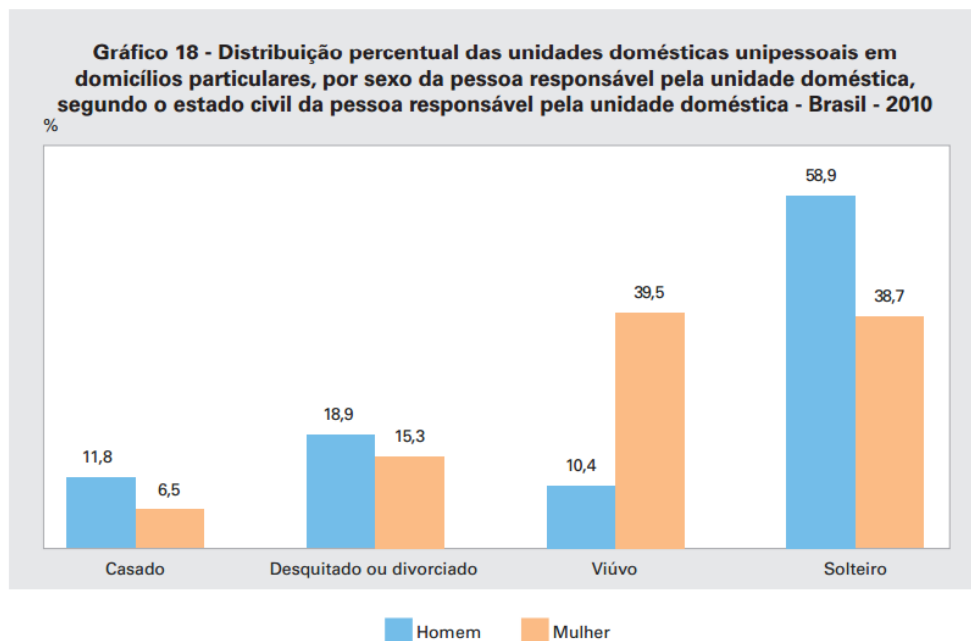
Essa preponderância de mulheres distingue-se dos resultados do censo 2010 (figura 03), considerando que a diferença entre gêneros daqueles(as) que frequentam o ensino superior e moram sozinhos(as) aparece de forma sutil. Já o grande volume tanto de homens como de mulheres que moram sozinhos(as), e não possuem ensino fundamental completo, é atribuído à população idosa que, inclusive, é o grupo etário mais comum entre os residentes unipessoais no Brasil (IBGE, 2011). Observa-se o desenho de uma polarização entre aqueles que vivenciam a condição de morar só, especialmente no que diz respeito às mulheres. A figura 04 detalha estado civil dessa população. Pode-se notar a quantidade expressiva entre viúvas e solteiras, o que aponta para diferentes cenários e sentidos dados ao morar só. Se, no caso das idosas, essa situação sugere que houve a perda do cônjuge e, conseqüentemente, um passado atrelado à vida doméstica em família; no caso das jovens, o morar só sinaliza para o estabelecimento de um outro padrão de vida, onde a valorização da independência parece ser mais uma circunstância factível - principalmente se considerarmos a ascensão de mulheres entre aqueles(as) que possuem o ensino superior completo (figura 03) e, também, entre os(as) estudantes da FCL.

Figura 03.



(IBGE, 2011)

Figura 04.



(IBGE, 2011)

Em síntese, os dados obtidos na fase quantitativa desse estudo trouxeram as seguintes contribuições. Houve a confirmação de um movimento migratório de jovens, em sua maioria, entre 18-21 anos para a cidade de Assis/SP. Verifica-se que o

estabelecimento desse grupo populacional se dá, majoritariamente, em residências menores, originadas da iniciativa de investidores particulares que procuram assimilar o potencial de desenvolvimento econômico que esse fluxo de universitários(as) representa para o município. A contínua segmentação do espaço urbano representada por esses empreendimentos habitacionais é uma tendência das cidades contemporâneas. A taxa de estudantes que moram sozinhos(as), constatada na amostra, ainda é maior que porcentagem nacional e municipal, apesar de ser o tipo menos comum entre os(as) universitários(as). Tanto em relação ao número total de pessoas que compuseram o estudo, como entre aqueles(as) que residem sós, apurou-se uma expressiva frequência de mulheres, nesses dois casos, superior a 60%.

A partir desse mapeamento, acessamos diferentes faces que podem ser associadas ao avanço de um traço individualizante na sociedade contemporânea ocidental. Seja a saída do(a) jovem do núcleo familiar almejando o exercício de sua independência que figura de modo mais exposto entre aqueles(as) que moram sozinhos(as); há também a dinâmica urbana que opera uma contínua demarcação da diferença entre seus habitantes, resultando nas múltiplas segmentações do espaço da cidade e, por fim, como esse princípio satisfaz a esfera econômica. Não é a intenção dessa pesquisa reverberar a existência de uma hierarquia de determinações entre essas instâncias, através de uma perspectiva unicamente macrossocial, por exemplo. Pretendemos delimitar as janelas pelas quais abordaremos o fenômeno em questão e, movimentando-se entre elas, observar a complexidade de que é preenchida a lógica da individualização. Para tanto, a segunda etapa da pesquisa de campo consagra sua importância por aproximar-se das experiências daqueles(as) jovens que moram sozinhos(as), investigando como essas pessoas experimentam e se apropriam dessa dinâmica.

3.2. Fase Qualitativa

O contato com os sujeitos que participariam dessa etapa da pesquisa foi estabelecido ainda no primeiro momento da pesquisa, na visita às salas de aula, quando a pesquisadora, ao elencar as questões presentes na cédula, indicava a presença de um campo para aqueles(as) que morassem sozinhos(as), e tivessem interesse em participar das entrevistas, deixassem os respectivos endereços de e-mail. A seleção dos(as) participantes aconteceu de acordo com três critérios: escolher um(a) aluno(a) de cada curso; adequar a amostra à prevalência de mulheres observada nos dados quantitativos, assim, foram entrevistadas 03 mulheres e 02 homens; manteve-se o mesmo raciocínio sobre a prevalência verificada para a idade, sendo 03 participantes da faixa etária de 18-21 e outros(as) 02 entre 22-25 anos. As entrevistas aconteceram entre os dias 26 de janeiro de 2017 e 08 de fevereiro do mesmo ano, com uma amostra de 05 participantes. As entrevistas foram individuais e aconteceram em uma das salas de reunião do Departamento de Psicologia Social e Educacional da FCL. O conteúdo obtido nesses encontros será apresentado de forma sumária, sendo que as transcrições completas das entrevistas estão disponíveis integralmente nos anexos dessa dissertação. Todos os nomes dos(as) participantes foram alterados, e as demais informações que permitissem a identificação dos(as) estudantes foram omitidas.

MANUELA

A jovem de 23 anos, natural de um grande cidade⁶ do Estado de São Paulo, mudou-se para Assis há cerca de 05 anos, e cumpria uma disciplina no terceiro ano da graduação. Filha de pais casados e empresários, tem uma irmã mais nova que também frequenta o ensino superior, mas na cidade de origem. Há uma forte proximidade entre elas, a ponto de abrirem mão do quarto individual que cada uma delas possui na casa dos pais, para dividirem o mesmo apartamento, costume presente desde que eram crianças. Manuela diz preferir estar na sua cidade natal, afirmando que costumava voltar para casa semanalmente durante o primeiro ano de adaptação à Assis. O consequente andamento do curso que acompanha uma quantidade maior

⁶ As cidades de origem dos(as) participantes serão qualificadas de acordo com o número de habitantes: até 100.000 habitantes pequena; 100.000 a 500.000 média; acima de 500.000 grande.

de atividades, bem como, o aumento do valor da viagem entre as cidades que Manuela vive, fizeram com que ela permanecesse cada vez mais tempo em Assis. O primeiro local de moradia da jovem é o que ela permanece até os dias de hoje. Trata-se uma residência com dois quartos, um banheiro e cozinha, num prédio que possui outros apartamentos no mesmo padrão, além deles, existem outros três de apenas 01 quarto, os quais também são ocupados por estudantes que moram sozinhas.

Assim que chegou à cidade, Manuela foi dividir o atual apartamento com outra estudante - que já residia nesse espaço -, com quem afirma ter tido uma ótima relação. Passados dois anos, sua colega graduou-se e foi embora de Assis. A jovem afirma não ter tido vontade de procurar outra pessoa para dividir o apartamento de modo que, até hoje, o quarto que foi de sua amiga permanece vazio. De acordo com ela, ao ponderar as experiências de dividir o apartamento e aquela que tinha morando sozinha, notou que preferia estar só, embora fosse financeiramente mais custoso. Em vista disso, é ela que cuida de todas as tarefas domésticas desde a limpeza à alimentação. Manuela conta não ter tido qualquer forma de auxílio financeiro durante o curso, como bolsa de iniciação científica ou de participação em projetos de extensão, também nunca trabalhou, tendo como única fonte de renda o dinheiro que os pais enviam para ela se manter. Sobre a condição de morar só, a jovem destaca o sentimento de *liberdade* e maior *privacidade* (sic) reconhecendo, inclusive, que são valores pelos quais ela preza.

Conquanto tenha sido uma escolha da estudante morar sozinha, ela afirma que essa experiência conduz, invariavelmente, à vivência de solidão que, por vezes, mistura-se com o tédio, fazendo com que ela se sinta depressiva. Manuela diz ser uma pessoa reservada, que não costuma ser muito aberta para fazer amizades, portanto, prefere lidar com esse trânsito de sentimentos do que procurar companhia. O surgimento desse estado emocional é identificado por ela a partir de uma conjunção de acontecimentos: no mesmo ano em que a amiga com quem dividia o apartamento foi embora, houve o rompimento de um relacionamento afetivo que mantinha em Assis. Dessa forma, o estar sozinha na residência foi acentuado pelo afastamento de pessoas que lhe eram caras. No entanto, a estudante relata uma recente aproximação com algumas colegas de curso, mas prefere sair com elas, ou visita-las em suas casas, do que recebe-las em seu apartamento.

A perspectiva que a família de Manuela tem de sua escolha por morar sozinha é de preocupação, eles a enxergam numa situação de vulnerabilidade, não só pelo

aspecto do morar, mas por estar relativamente sozinha na cidade, de modo que não teria a quem recorrer caso precisasse de ajuda. O argumento da jovem para a família se dá no sentido de reconhecer que existem dificuldades, mas que ela sabe administrar essa condição e prefere estar assim.

LUIZ

Vindo de uma grande cidade do Estado de São Paulo, Luiz tem 21 anos e é filho único de pais separados. Durante a infância, morou com sua mãe, avó, tia e primo numa casa em que todos dividam um único cômodo para dormir. Entretanto, a avó e a tia faleceram há cerca de dez anos, em vista disso, Luiz e sua mãe mudaram-se para outra residência. Nela, o estudante teve um quarto individual e conta que, através dessa experiência, pôde *descobrir o que era privacidade* (sic). Há três anos, vive em Assis e, nesse período, passou por diferentes situações de moradia. Assim que chegou, foi para um apartamento onde já estavam duas pessoas, sendo que dividiu o quarto com uma delas. De acordo com Luiz, não havia problema em compartilhar o espaço, mas o que lhe incomodava era o fato de seus colegas terem um ritmo de vida oposto ao seu, o que interferia no seu tempo de estudo e sono. Soma-se a isso a displicência de um dos moradores em relação ao pagamento de contas que eram divididas entre os três e, também, quanto às demais atividades que deveriam ser negociadas entre eles, como a limpeza do apartamento.

Após um ano, Luiz e seu colega de quarto decidiram mudar-se para outro prédio, onde cada um teria seu próprio dormitório, no entanto, aconteceram outros problemas referentes às despesas domésticas. A vontade de morar sozinho veio desde que surgiram os conflitos no primeiro apartamento em que residiu, mas até então não tinha condições financeiras para morar só, já que contava apenas com o suporte financeiro enviado por sua mãe, que trabalha como policial militar. Entretanto, durante o terceiro ano de graduação, o jovem conseguiu uma bolsa na faculdade, por participar de um projeto de extensão, proporcionando a ele uma nova mudança de casa. Há oito meses Luiz mora sozinho e demonstra bastante satisfação com esse estilo de vida. O local onde mora é uma quitinete com cozinha, quarto e banheiro, trata-se de um condomínio que tem o total de 16 quitinetes. Dentre os vizinhos, o contato mais próximo que o estudante tem é com uma veterana do seu curso que já

morava nesse local, além dela teve contato com outra pessoa que residiu no quitinete em frente ao seu, mas comenta que é tudo muito quieto no lugar onde mora.

Luiz cuida de todas as atividades da casa e não passou por grandes dificuldades desde quando foi morar sozinho, apenas teve um episódio em que precisou pedir ajuda em uma loja de material de construção, pois estava em dúvida sobre a instalação do chuveiro. Ademais, ele conta que sentiu uma transformação em si mesmo desde que foi para esta última casa, afirma se sentir mais *independente* e *confiante* (sic). Luiz relata que notou essa diferença desde o segundo apartamento, quando passou a ter um quarto só para ele, mas, a partir do momento que foi morar só, isso se intensificou, favorecendo, inclusive, a construção de amizades. Tanto a mãe de Luiz, como seus amigos, atribuem sentidos positivos ao fato dele morar só. A mãe admira a independência, enquanto os amigos admiram a coragem que julgam necessária para residir sozinho.

GIOVANA

Giovana tem 21 anos, filha de pais casados, tem um irmão mais velho e é natural de uma cidade média do interior de São Paulo. A mãe, atualmente aposentada, trabalhou como bancária e o pai é advogado. Na casa da família, a estudante teve, a maior parte do tempo, um quarto individual. Apesar disso, ela afirma preferir a atual residência em Assis, pois desfruta de maior *independência* (sic), uma vez que se sentia restringida pela superproteção atribuída aos pais. A jovem já recebeu um bolsa da universidade mas, no momento, conta apenas com o valor enviado pelos pais para se manter, no entanto ela conta que chegou a procurar um emprego, pois sente vontade de ter seu próprio dinheiro.

Quando chegou em Assis, Giovana não teve muitas opções para escolher onde iria morar, pois foi chamada para matrícula depois que o ano letivo já havia sido iniciado. Desse modo, morou um ano num apartamento com outras duas estudantes que não conhecia, sendo que dividia quarto com uma delas. Certa de que precisava arrumar outro lugar para ficar, com a ajuda da sua mãe, conseguiu alugar um apartamento e escolher quem chamaria para dividir. Apesar dessa prévia seleção, a relação entre as moradoras não foi das melhores, a estudante se queixa que uma delas não interagia, era muito fechada. A outra colega, que lhe era mais próxima, desistiu do curso. Em virtude disso, Giovana não queria mais lidar com problemas de

convivência e decidiu que moraria sozinha. Há um ano nessa condição, ela explica que reside num condomínio de quitinetes, mas apesar de ter sua própria casa, o fato de as outras unidades ficarem muito próximas umas das outras, faz com que ela não se veja completamente sozinha, pois nota a presença dos outros moradores do condomínio. Giovana mantém amizade com uma das suas vizinhas, já se conheciam antes por serem da mesma turma do curso de graduação, e costumam fazer visitas entre si.

Ao elencar as vantagens que identifica em morar só, a jovem menciona situações mais concretas, associadas à disposição do espaço doméstico de acordo com seu critério, a arrumação ou a bagunça, por exemplo. No entanto, Giovana reconhece sentir falta de uma companhia com quem realizar atividades diárias, como cozinhar. Isso faz com que ela não exclua a hipótese de voltar a morar com outras pessoas, desde que já as conheça. Quanto aos vínculos de amizade, a jovem não notou interferência em relação aos tipos de moradia em que esteve, a maior mudança aconteceu quando veio para Assis, isso fez com que ela se afastasse das amizades que mantinha na antiga cidade, pois percebeu em si uma maior abertura de mentalidade em comparação com as aqueles(as) que permaneceram na local de origem.

Giovana conta que sua mãe não é completamente favorável que ela more sozinha, pois acha que a estudante está desamparada caso precise de qualquer tipo de ajuda. Ela menciona que o irmão também mora sozinho, inclusive há mais tempo, mas a preocupação da mãe persiste. A única dificuldade que a jovem mencionou ter passado foi quando uma chuva muito forte caiu, fazendo com que entrasse bastante água na sua casa, no entanto, contou com a ajuda de seu namorado para contornar a situação.

BRUNO

Bruno tem 20 anos, veio de uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, filho único de pais casados: a mãe é manicure e o pai funcionário público. O jovem morava com a família numa casa de três quartos, o avô também residia com eles, mas faleceu em 2009. Bruno diz que gostava da experiência de ser filho único e ter o próprio quarto, assim podia se organizar com mais facilidade e acredita que, caso

tivesse um irmão, seria conflituoso para adequar rotinas diferentes num mesmo espaço. A princípio, o jovem planejava estudar em outra universidade, em um município onde tinha parentes, pois pretendia morar com eles. No entanto, foi aprovado na UNESP. Desde que chegou em Assis, no ano 2014, Bruno mora sozinho em um condomínio de quitinetes. Em vista disso, logo no primeiro ano de curso o estudante procurou vincular-se a projetos que oferecessem bolsa. Atualmente, realiza pesquisa de iniciação científica com apoio de uma agência de fomento. Seus pais e outros membros da família também contribuem para cobrir a quantia das despesas. Destaca-se que sem a fonte de renda obtida através do engajamento em atividades extracurriculares o estudante acredita que não conseguiria continuar morando sozinho.

Por dedicar a maior parte de seu tempo aos estudos, Bruno disse que, durante o período de adaptação à casa nova, sentia sobretudo a ausência dos pais para, eventualmente, entre uma pausa e outra, conversar e compartilhar informações sobre o seu dia. Com o andamento das aulas e a intensificação das atividades que eram exigidas, o jovem comenta que a saudade ficou sem espaço na sua rotina. Ele afirma que a mãe sente bastante sua falta, então procura compensar visitando-a, em média, uma vez por mês. No que se refere ao vínculos de amizade, Bruno afirma ser uma pessoa fechada, fez amizade com os colegas que integram o grupo com quem faz os trabalhos da faculdade, mas não tem o hábito de ir a festas ou eventos do tipo.

NATÁLIA

A jovem de 22 anos é natural de uma pequena cidade do Estado de Mato Grosso do Sul. Filha de pais separados, tem uma irmã mais velha. Antes de mudar-se para Assis, residia com a mãe, padrasto e a irmã. A mãe e o padrasto são aposentados, sendo que ela trabalhava como escritã e ele veterinário. Natália conta que, a maior parte do tempo, teve um quarto individual e, antes dela, sua irmã já havia saído de casa para fazer faculdade fora. A estudante chegou na cidade de Assis em 2012 para cursar um curso oferecido pela FCL. No entanto, após 01 ano e meio, desistiu dessa graduação e foi procurar um emprego. Durante esse primeiro momento, era a mãe que lhe enviava uma quantia de dinheiro para ela se manter. Mas, a partir de 2014, a jovem ingressou em outro curso nessa mesma universidade e, agora, concilia os estudos e trabalho, garantindo sua independência financeira.

Sua primeira experiência de moradia em Assis foi uma *mini-república* (sic) com mais 02 pessoas, cada uma com seu quarto. Ela diz ter estranhado a condição de morar com pessoas que não conhecia, mas isso não a impediu de se adaptar. O maior problema se dava em relação à dinâmica da casa, Natália se queixa que as colegas sempre recebiam pessoas, e isso interferia diretamente na sua rotina. A partir de 2015, a estudante foi morar sozinha. Entretanto, já chegou a dividir esse espaço em alguns momentos com amigos(as), a fim de compartilhar as despesas, pois pretendia diminuir a carga horária no trabalho para ter mais tempo de dedicação à faculdade. Em vista dos conflitos que surgiram, relacionados à limpeza e visitas contínuas, Natália percebeu que seria mais vantajoso ficar sozinha, mesmo que precisasse gastar mais dinheiro. Ela afirma que, dessa forma, desfruta de maior *liberdade* (sic). A escolha inicial de morar numa república aconteceu em virtude da jovem usar exclusivamente o dinheiro que a mãe lhe mandava, pois era um opção mais econômica. A ideia e concretização de morar sozinha só aconteceu depois que começou a trabalhar, já que ela conseguiria arcar com os gastos desse estilo de vida mais dispendioso.

Natália reside num condomínio de 05 pequenos sobrados com 02 quartos cada. Ela e os demais moradores se comunicam através de um aplicativo de celular para tratar de assuntos referentes à manutenção da área comum, como quando precisam chamar um jardineiro, por exemplo. Quanto ao espaço de sua casa, é ela quem cuida de todas as atividades, afirma que desde de pequena a mãe trabalhava, então ela e a irmã eram responsáveis por esse tipo de tarefa. Sobre o estabelecimento de amizades em Assis, a jovem conta que foi uma experiência muito tranquila, pois todos chegam na mesma situação, querendo conhecer novas pessoas, então logo durante o primeiro ano dos cursos que frequentou pode fazer amigos. A estudante não vê nenhuma mudança nesse aspecto quando comparado aos tipos de moradia em que já esteve, pois não chegou a se aproximar das pessoas com quem dividiu a casa, assim morar com outras pessoas não necessariamente quer dizer que ela tinha mais amigos(as).

A mãe de Natália reconhece que a opção de morar sozinha garante maior tranquilidade para a filha, e ela tem mais *privacidade* (sic). O fato de residir num condomínio é fundamental para o sentimento de segurança.

Uma leitura do conteúdo obtido através da etapa qualitativa desse estudo nos indica importantes caminhos de análise a serem adotados. Há muitas características

que conferem similaridade ao grupo da amostra: faixa etária, a mudança de cidade motivada pelo ingresso no ensino superior, o residir em um condomínio, as menções à liberdade associada ao espaço privado, entre outros. Apesar desses itens elencados, observa-se que, com base na história dos sujeitos participantes, existem motivos distintos que sustentaram a escolha por morar só. Em grande parte, podemos notar que a preferência por esse estilo de vida se deu em decorrência de atritos originados do compartilhamento do espaço doméstico com pessoas que não eram próximas dos(as) estudantes, ou com quem não foi possível administrar conflitos surgidos dessa condição. Esse ponto nos faz pensar sobre o lugar que a experiência de familiaridade ocupa no regime de sociabilidade brasileiro. Assim, a proximidade experienciada com os outros, no espaço doméstico, alude à um nível de intimidade fixado no âmbito mais afetivo. Ao dividir esse espaço com pessoas mais reservadas e/ou com as quais ainda não se estabeleceu um vínculo, alguns(mas) dos(as) entrevistados(as) relatam que se sentiram incomodados(as), de modo que preferiram morar sozinhos(as). Bruno, inclusive, pontua que sente falta, nos intervalos de estudo, de encontrar seu pai em casa e poder conversar com eles sobre o dia-a-dia.

Essa relação mais nuclearizada com os integrantes da família parece repercutir nas expectativas colocadas a respeito das novas pessoas com quem esses(as) estudantes chegaram a morar, mas, na maioria dos casos, as vivências foram bastante contrastantes em relação à referência primária de lar. Com exceção do caso de Manuela, a qual encontrou um acolhimento significativo no momento de sua chegada em Assis. Ela, igualmente, traz essa menção afetiva do espaço doméstico, onde exemplifica a questão de abrir mão de um quarto individual, na casa de seus pais, para ficar mais próxima da irmã.

Além disso, percebe-se, no discurso dos(as) estudantes, que o sentido atribuído à moradia unipessoal orbita, sobretudo, em torno da liberdade que experimentam. De um modo mais concreto, exemplificam essa sensação com a organização de uma rotina diária estabelecida a seu próprio gosto. Por outro, embora afastados dos traços mais afetivos de seus núcleos familiares, há uma abertura no campo de possibilidades de contato e identificação, bem como de posicionamento de si enquanto sujeito descolado das expectativas de outrem. Destacamos aqui o fato dessas experiências se desdobrarem em associação com a necessidade do(a) jovem se adaptar a um contexto social, até então, inédito. É nesse ponto que podemos estabelecer conexões entre essa condição e o processo de individualização. A

organização de uma considerável quantidade de conteúdos advindos de novos contextos sociais, tanto a cidade quanto o ambiente universitário, demanda um posicionamento de relativa adaptação a eles, mas também, de exaltação da individualidade a partir da qual o(a) estudante se colocará nesses espaços. A individualização se dá de forma duplicada: tanto no aspecto mais concreto, refletida no modo de organização urbana das moradias unipessoais, como também por esse desafio enfrentado pelos(as) jovens diante das novas condições sociais em que estão inscritos. Essa situação particular reflete de modo bastante emblemático o processo de individualização descrito no nível das interações sociais por Mead, a saber, a administração entre um nivelamento em relação às condições sociais, como também, a configuração de uma resposta criativa frente a elas. O fenômeno de morar só, nesse contexto específico de análise, marca, então, sua costura com o processo de individualização.

Em relação às demais características apresentadas, percebe-se que o arranjo familiar daqueles(as) que compuseram a amostra é de pais que tiveram entre 01 ou 02 filhos(as), tendência já registrada pelo IBGE (2011) sobre a redução da quantidade de componentes da família brasileira. Outro desdobramento desse processo, diz respeito à posição ocupada pela mulher nos arranjos familiares estudados. As mães dos(as) 05 jovens atuam ou atuaram no mercado de trabalho, e em 02 casos são as responsáveis por sustentar financeiramente os respectivos lares.

No que se refere ao aspecto financeiro dos(as) jovens, a maior parte deles(as) concilia a escolha de morar só com o desempenho de atividades acadêmicas, ou mesmo de natureza empregatícia que lhes garantam uma fonte de renda usada para cobrir os gastos mais dispendiosos atrelados a esse estilo de vida. No mesmo sentido, a realização das atividades domésticas - limpeza dos cômodos e preparação de refeições, por exemplo -, são todas cumpridas pelo(a) próprio(a) estudante. Com isso em vista, é possível ampliar o entendimento dado ao modo como os(as) jovens qualificam a experiência de residirem sozinhos(as): o sentimento de liberdade intensifica-se diante da progressiva conquista de independência em diferentes aspectos. Entretanto, constata-se que esse exercício é mais valorizado pelos familiares e pessoas próximas quando se trata dos homens. Quanto às mulheres, o modo como essa escolha é avaliada diz respeito, sobretudo, à percepção de uma vulnerabilidade da estudante por ela morar e, eventualmente, estar sozinha.

Outro caminho a ser investigado diz respeito à concentração dos(as) jovens em condomínios. Essa tendência verificada nas cidades médias do interior paulista, reproduzindo uma dinâmica de fragmentação e organização do espaço urbano de acordo com diferentes referenciais de pertencimento entre seus habitantes, até então tratada pela vertente socioeconômica, parece nos trazer um novo perfil para esse traço da cidade contemporânea. Se, no primeiro caso, o condomínio representa maior segurança para desfrutar de uma vida relativamente mais luxuosa sem temer os riscos que advém de tal exposição; a situação dos estudantes pode até vincular-se ao aspecto econômico, referente ao interesse de investidores particulares nesse tipo de imóvel. No entanto, em grande medida, a vida em condomínio representa para os(as) jovens a manutenção de uma proximidade com os outros, mesmo que não sejam constituídas amizades, mas ouve-se e vê o os outros que estão próximos, tornando a condição de estar só uma experiência em conjunto, dada pelo recolhimento, quietude em meio aos demais – o que nos aproxima da ideia de um atravessamento entre os regimes de sociabilidade público e privado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Movidos pela ideia de estabelecer uma leitura multifacetada do fenômeno da moradia unipessoal, nos encaminhamos por percursos teóricos mais flexíveis que compreendem as diretrizes do processo de modernização, a saber, a individualização e a urbanização, em seus diferentes níveis. Esse caminho nos colocou frente à um importante teórico da área da Psicologia Social que, ainda hoje, tem sua obra pouco explorada nas produções acadêmicas. Através de sua contribuição em particular, como também, da corrente teórica em que está inserido, procuramos demonstrar a continuidade existente entre a consagração do espaço urbano e o estabelecimento do processo de individualização como uma máxima na condição de vida contemporânea.

O próprio conceito de individualização já implica na necessidade de se ampliar o horizonte de estudo, uma vez que é utilizado em diferentes níveis de interpretação, entre as quais distinguimos um aspecto mais psicologizado e outro localizado na literatura sociológica. A partir de Mead, nos esforçamos em ir além dessa dicotomia conceitual, trazendo-a para o plano intermediário entre indivíduo e sociedade. Uma vez realizado o percurso teórico entre as ideias gerais da Escola de Chicago a respeito

dos dois traços do processo de modernização que ocupam nosso escopo de análise, procuramos contextualizar essas informações com o as particularidades da realidade brasileira, esforço a que Gilberto Velho se dedicou com excelência. Esse autor indica pontos de resistência na cultura brasileira em relação aos valores modernos, dado especialmente pela centralidade das relações familiares como um eixo fixo que orienta a sociabilidade entre nós. Assim, a individualização não se estabelece de forma tão clara no nível das relações sociais, especialmente no que se refere à ruptura de papéis sociais pré-fixados.

Para tanto, foi necessário localiza-la no plano material, em sua interface com o projeto de urbanização, através da popularização de moradias unipessoais destinadas a estudantes universitários na cidade de Assis/SP. A escolha dessa cidade como local de realização da pesquisa de campo, também incorporou as particularidades do processo de urbanização brasileiro que se desenrola mais expressivamente em cidades médias que propriamente no contexto metropolitano. Diante de um horizonte tão amplo de análise, procuramos utilizar a pesquisa de campo como uma âncora, exemplificando a manifestação desses traços do projeto de modernização através de referências concretas.

O campo de estudos sobre a moradia unipessoal ainda é pouco explorado. Com essa pesquisa, esperamos contribuir para uma abertura nas possibilidades de análise empreendidas futuramente. As questões de gênero realmente figuram como um aspecto importante que atravessa essa questão. A significativa proporção de mulheres morando sozinhas, verificada nessa pesquisa e, também, nos dados disponibilizados pelo IBGE, indica, quem sabe, uma maior flexibilização dos valores familiares na cultura brasileira, uma vez que, quanto maior o nível de escolaridade, maior a probabilidade da mulher morar só. Essa característica em ascensão se dá em contraste com aquela que já está estabelecida, a saber, de grande quantidade de mulheres acima dos 70 anos e viúvas que moram sozinhas. Seria interessante o estabelecimento de um diálogo geracional entre essas experiências e, sobretudo, a respeito das possibilidades de individualização abertas em momentos históricos distintos na sociedade brasileira.

Ademais, diante dos conteúdos apresentados e discutidos nessa dissertação, concluímos que há, sim, um campo de continuidade entre a experiência de urbanização e um enunciado à individualidade como paradigma do projeto de modernidade. Entretanto, as especificidades locais operam mecanismos de

resistência em relação a esses pressupostos, muito mais em relação a categorias inseridas no campo de uma moralidade, no caso, dos valores familiares, que nas possibilidades de desenvolvimento econômico que se abrem, a respeito da qual destacamos a popularização de moradias unipessoais.

5. REFERÊNCIAS

BURGESS, E. W.; PARK, R. E. **The city: suggestions for investigation of human behavior in the human environment**. Chicago: The University of Chicago Press, 1967.

COULON, A. **A escola de Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.

FARR, R. **As raízes da Psicologia Social moderna**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2013

FERREIRA, S. A.; SILVA, Z. L.; (Org.) **A trajetória da Faculdade de Ciências e Letras de Assis nos desafios educacionais do ensino superior: entre o passado e o futuro**. Assis: UNESP – Campus de Assis, 2012. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/fcl/livro/>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2017.

FREITAG, B. **Teorias da cidade**. Campinas: Papirus, 2006.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1990.

HOLANDA, S. B.de. **Raízes do Brasil**. 26. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População residente por situação de domicílio, Censo 2010**. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao.html>> Acesso em 24 de fevereiro de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Plataforma Cidades**, 2011b. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350400&search=s%C3%A3o-paulo|assis>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Rio de Janeiro, 2016.

LEVINE, G. Introduction. In: LEVINE, D. (Org). **On individuality and social forms**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

MEAD, G. H. **Mind, self and society**. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

MILL, S. **On Liberty**. New York: Bartleby.com, 1999. Available in: <<http://www.bartleby.com/130/>>. Acesso em 2 de novembro de 2016.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013

SIMMEL, G. Freedom and the individual (posthumous). In: LEVINE, D. (Org.) **On individuality and social forms**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

_____. Metropolis and mental life (1903). In: LEVINE, D. (Org.) **On individuality and social forms**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

_____. Fashion (1904). In: LEVINE, D. (Org.) **On individuality and social forms**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

_____. Group expansion and the development of individuality (1908). In: LEVINE, D. (Org.) **On individuality and social forms**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

SOUZA, R. F. George Herbert Mead: contribuições para a história da psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v.23, n.2, p. 369-378, 2011.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

6. ANEXOS

6.1. Itens referentes à aplicação do levantamento quantitativo

a.) Sua identidade de gênero é:

b.) Faixa etária:

18-21 22-25 acima de 26

c.) Cidade de origem:

Assis/SP Outra

d.) Cidade onde reside:

Assis/SP Outra

e.) Você mora com:

01 pessoa 02 pessoas 03 ou mais pessoas

sozinho(a)

f.) Caso more sozinho(a) e tenha interesse em contribuir com essa pesquisa por meio de uma entrevista sobre suas experiências relacionadas a esse estilo de vida, por favor, deixe o seu e-mail:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Natureza da pesquisa: o(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que trata do enaltecimento atribuído à individualidade no período contemporâneo, onde se verificam transformações nas possibilidades do sujeito investir em sua diferença, afastando-se, pois, do arranjo social ordenado através da tradição. Adotamos como reflexo desse fenômeno, o crescimento de pessoas morando sozinhas verificado ao longo das últimas décadas, no Brasil e, também, em escala internacional. Dessa forma, buscaremos compreender tais práticas e sentidos de morar só dentro das atuais configurações dos relacionamentos sociais e afetivos.

Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo o(a) Sr.(a) será convidado(a) a preencher uma cédula com informações sobre sua identidade de gênero, faixa etária, cidade natal e de sua atual residência. O(a) Sr.(a) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

Riscos e desconforto: a pesquisa apresenta riscos mínimos para os participantes envolvidos. Caso o(a) Sr.(a) se sinta de alguma forma constrangido(a) diante de um dos temas ou questões levantados, poderá retirar seu consentimento em qualquer etapa de aplicação dessa pesquisa ou poderá recusar-se a responder determinada questão, sem qualquer tipo de prejuízo. Caso o(a) Sr.(a) se sinta fragilizado(a) diante desse constrangimento, a pesquisadora realizará o acolhimento inicial da demanda manifestada e será colocada a possibilidade de encaminhá-lo(a) ao Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA), aberto das 08h às 21h.

Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora terá conhecimento de sua identidade e se compromete a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

Benefícios: ao participar desta pesquisa o(a) Sr.(a) não terá nenhum benefício direto.

Pagamento: o(a) Sr.(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.


Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Assis, ____ de _____ de _____.

Nome do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa



Assinatura da Pesquisadora



Assinatura do Orientador

Pesquisador(a): Laura Meira Bonfim Mantellatto (13) 98115-0087

Orientador(a): José Sterza Justo (18) 3302-5889

Coordenador(a) do Comitê de Ética em Pesquisa: Prof. Dr. Claudio Edward dos Reis

Vice-Coordenador(a): Profa. Dra. Edislane Barreiros de Souza

Telefone do Comitê: (18) 3302-5607

E-mail: cep@assis.unesp.br

6.2. Itens referentes à aplicação do levantamento qualitativo

- Idade?
- Arranjo familiar: pais casados? Separados? Irmãos(ãs)? Profissão?
- Onde morava antes? Com quem? Dividia quarto? Como era? O que achava?
- Fonte de renda: trabalha? Recebe algum tipo de auxílio da Universidade? Dos pais ou familiares? Bolsa de pesquisa?
- Quanto tempo mora só? Teve outras experiências de moradia durante a faculdade?
- Como é a residência onde mora: quitinete? Casa? Apartamento?
- Como é morar sozinho(a)? De onde surgiu a oportunidade/ vontade de morar só? Cozinha? Cuida das atividades domésticas? Já passou por algum momento de dificuldade?
- Considera a hipótese de morar com outras pessoas? Por quê?
- Como é a relação com os(as) vizinhos(as)?
- Como foi a construção dos vínculos de amizade em Assis/SP? Morar só favoreceu ou não o contato com outras pessoas?
- O que sua família e amigos acham de você morar só?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Natureza da pesquisa: o(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que trata do enaltecimento atribuído à individualidade no período contemporâneo, onde se verificam transformações nas possibilidades do sujeito investir em sua diferença, afastando-se, pois, do arranjo social ordenado através da tradição. Adotamos como reflexo desse fenômeno, o crescimento de pessoas morando sozinhas verificado ao longo das últimas décadas, no Brasil e, também, em escala internacional. Dessa forma, buscaremos compreender tais práticas e sentidos de morar só dentro das atuais configurações dos relacionamentos sociais e afetivos.

Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo o(a) Sr.(a) será convidado(a) a conceder uma entrevista individual sobre a experiência de morar só, aspectos dos relacionamentos mantidos na cidade de Assis/SP, bem como, daqueles construídos na sua cidade natal e características da sua família de origem. O(a) Sr.(a) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Riscos e desconforto: a pesquisa apresenta riscos mínimos para os participantes envolvidos. Caso o(a) Sr.(a) se sinta de alguma forma constrangido(a) diante de um dos temas ou questões levantados, poderá retirar seu consentimento em qualquer etapa de aplicação dessa pesquisa ou poderá recusar-se a responder determinada questão sem qualquer tipo de prejuízo. Caso o(a) Sr.(a) se sinta fragilizado(a) diante desse constrangimento, a pesquisadora realizará o acolhimento inicial da demanda manifestada e será colocada a possibilidade de encaminhá-lo(a) ao Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA), aberto das 08h às 21h.

Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora terá conhecimento de sua identidade e se compromete a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

Benefícios: ao participar desta pesquisa o(a) Sr.(a) não terá nenhum benefício direto.

Pagamento: o(a) Sr.(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.


Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Assis, ____ de _____ de _____.

Nome do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa



Assinatura da Pesquisadora



Assinatura do Orientador

Pesquisadora: Laura Meira Bonfim Mantellatto (13) 98115-0087

Orientador: José Sterza Justo (18) 3302-5889

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa: Prof. Dr. Claudio Edward dos Reis

Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Edislane Barreiros de Souza

Telefone do Comitê: (18) 3302-5607

E-mail: cep@assis.unesp.br

6.3. Entrevista com Manuela

ENTREVISTA 01 / DATA: 26.01.2017

Pesquisadora: qual a sua idade?

Manuela: eu tenho 23 anos.

P: e sobre seu arranjo familiar, seus pais são casados?

M: meus pais são casados, a gente mora junto, mora eu, meu pai, minha mãe e minha irmã.

P: então você tem 01 irmã só?

M: isso, ela tem 19 anos.

P: e qual é a profissão dos seus pais?

M: meus pais são empresários, eles têm um restaurante.

P: você sabe dizer qual a renda média mensal da sua família?

M: não... não sei...

P: e como era a casa onde você mora/morava? Você dividia quarto com sua irmã? Tinha um quarto só seu?

M: então, a gente tem um quarto pra cada uma, mas a gente escolheu dormir no mesmo quarto, inclusive a gente dorme até na mesma cama, a gente dorme numa cama de casal, a gente não gosta muito de ficar separadas.

P: é assim desde que vocês eram mais novas?

M: desde pequena.

P: então você gosta de estar na casa dos seus pais?

M: sim, prefiro estar lá do que aqui.

P: você costuma voltar bastante pra lá?

M: então, no meu primeiro ano, eu voltava bastante, todo final de semana... mas então as coisas começaram a aumentar, muita coisa pra fazer e passagem cada vez mais cara, então normalmente eu volto 01 vez por mês.

P: você comentou ser bem próxima a sua irmã, a relação com seus pais também é assim?

M: não, é só com minha irmã mesmo... meus pais... assim, a gente tem uma relação boa, mas é uma relação de pai, mãe e filha, não é amizade.

P: como você se mantém financeiramente aqui em Assis/SP? Você trabalha? Tem alguma bolsa de estudo?

M: eu não tenho bolsa, não trabalho, quem banca mesmo são meus pais.

P: em nenhum outro momento da graduação você teve algum tipo de bolsa ou auxílio?

M: não...

P: há quanto tempo você mora sozinha?

M: moro faz... Acho que vai fazer 03 anos...

P: então é desde quando você chegou aqui?

M: não, nos 02 primeiros anos eu dividia com uma amiga, aí dos outros 03 pra cá, eu moro sozinha. Ela saiu da casa porque ela formou, daí eu continuei. Tem dois quartos, daí o quarto dela tá vago, não tem ninguém.

P: então sua outra experiência de moradia foi dividir a casa onde continua morando?

M: sim, dividi 02 anos. Ela se formou e eu fiquei sozinha, não quis colocar ninguém na casa, e desde então eu continuo na mesma casa, só que sozinha.

P: quando você chegou em Assis ela já morava aqui? A casa já estava montada?

M: sim, a cozinha já estava montada, só levei o meu quarto, cama, armário, escrivaninha, e levei também uma máquina de lavar roupa, então ela foi embora e deixou a cozinha montada pra mim, ela me vendeu tudo por um valor simbólico.

P: como é esse espaço onde você mora?

M: é uma quitinete com 02 quartos, cozinha e banheiro. É num prédio, tem 09 quitinetes lá.

P: então tem outras pessoas que moram sozinhas?

M: sim, além do meu de 02 quartos, tem mais 03 quitinetes de 01 quarto só que tem meninas que moram sozinhas, nos outros de 02 quartos as meninas dividem, cada uma em cada quarto, só eu que moro sozinha.

P: e vocês conversam? Tem alguma tipo de relação entre vizinhas?

M: elas negociam o espaço da garagem, fazem um rodízio, eu não tenho carro, então não participo disso, mas elas até que se falam, eu que não me enturmo mesmo.

P: como tem sido sua experiência de morar sozinha? Você já tinha essa vontade antes?

M: não... Eu comecei a morar sozinha porque ela foi embora, daí eu até pensei assim - *ah, vou arrumar alguém pra morar comigo, pra dividir as despesas e tal* -, mas eu fui vendo que me dava melhor sozinha, do que dividindo. Comecei a comparar com o que eu já tinha vivido com outra pessoa e vi que preferia estar sozinha do que dividir com

alguém. Também não queria escolher alguém pra morar comigo e começar a dar problema, sabe? Ai eu deixei de lado a ideia e permaneci sozinha.

P: qual diferença você sentiu entre dividir e morar sozinha?

M: então, eu tenho mais liberdade, eu tenho mais privacidade, eu prezo isso bastante. Tanto que quando eu vim pra cá, quando eu me mudei pra Assis, eu já queria ter um lugar com quarto individual, não queria dividir quarto. É... Me sinto mais à vontade, e a limpeza também, eu prefiro... É que eu me dou melhor sozinha do que com outras pessoas... Eu sinto que eu... Não sei se eu sou chata, mas eu prefiro estar na minha casa, e só eu ali.

P: caso ela não tivesse se formado e vocês continuassem dividindo a casa, você acha que teria vontade de morar sozinha?

M: sim, eu gostava muito dela, era muito minha amiga, mas eu não dou bem pra dividir.

P: Quanto as atividade domésticas, você que cozinha? Já sabia fazer esse tipo de coisa de antes?

M: eu já sabia cozinhar, então eu faço minha própria comida, limpo minha casa, não contrato ninguém, nenhuma diarista, eu mesma limpo, cuido das coisas, cozinho.

P: você gosta de fazer essas atividades?

M: limpar não... é meio difícil, mas cozinhar, sim. Eu gosto de cozinhar.

P: você costuma preparar e comer as refeições sozinha?

M: sim, sozinha.

P: Já teve algum momento que você se viu numa situação de dificuldade morando sozinha?

M: sim, mais problemas emocionais. Tipo, apesar de eu preferir estar sozinha, muitas vezes eu me sinto muito solitária, sabe? Ou muito entediada... Mais falta de companhia mesmo, então às vezes eu fico meio depressiva, não depressiva, meio deprimida mesmo, sabe? Pela solidão... Mas ao mesmo tempo eu não quero morar com outras pessoas.

P: então você não considera a possibilidade de voltar a morar com outras pessoas aqui em Assis, ou quem sabe quando você se graduar?

M: aqui em Assis, não. Porque logo eu já vou me formar também. Quando eu voltar pra minha cidade natal, vou ficar na casa dos meus pais, mas pretendo mudar de cidade, e acho que num primeiro momento, se a única opção for morar com alguém, vou morar, sim... Ainda mais se for me mudar pra uma cidade maior, onde é mais caro.

P: como foi a construção das suas amizades aqui em Assis? Logo que você chegou dividia o apartamento, mas a partir do momento que você começou morar sozinha, você sentiu que teve alguma diferença em relação às suas amizades? Você comentou que algumas vezes se sente entediada, esse tipo de sentimento fez com que você procurasse mais seus amigos?

M: Não... Eu sou uma pessoa bem fechada, na verdade. Então, eu não procuro ninguém. Eu meio que me fecho mesmo e tento esquecer ou afundo de vez. Eu não faço nada normalmente, não procuro ninguém. Eu não sou uma pessoa que consigo fazer amizade facilmente, eu sou mais reservada, então eu demorei pra fazer amizade aqui em Assis... Acho que eu fui fazer amizade com o pessoal e sair mais no segundo ano só.

P: durante o primeiro ano você era mais próxima da pessoa com quem você dividia o apartamento?

M: sim, acho que ela era a única pessoa que eu era mais próxima, porque a gente morava junta, então... Só ela mesmo. E como eu voltava todo final de semana, não dava tempo de conhecer as pessoas direito, de sair, sabe? Eu demorei um pouco pra cortar aquele contato com a família, então acho que isso dificultou as amizades.

P: e quando ela foi embora você notou que se aproximou mais das outras pessoas?

M: sim, de duas amigas. Eu comecei a sair mais com elas, conversar mais, mas elas não vem na minha casa, eu ia mais na casa delas, sabe? Mas assim, eu me aproximei mais, mas não tanto, ao mesmo tempo. Acho que é também porque eu comecei a criar vínculos maiores aqui, por eu ter me aberto mais e estar mais aqui em Assis, acho que eu senti mais a necessidade de interagir mesmo, senão ia ficar muito sozinha.

P: aquele sentimento de solidão que você comentou que às vezes surge, ele não aparecia naquelas dois primeiros anos quando você dividia o apartamento?

M: não...

P: está relacionado a morar sozinha mesmo?

M: eu acho que sim... É que também depois que eu comecei a morar sozinha, depois de um tempo eu namorava, daí meu relacionamento acabou e aí eu acho que essas coisas se misturaram, sabe? Eu já morava sozinha quando meu relacionamento acabou, então acho que misturou a sensação de estar sozinha na casa com estar sem o parceiro, sabe? Daí eu acho que isso foi meio que agravando.

P: as pessoas da sua família, seus amigos, eles tem alguma opinião sobre morar só?

M: então, minha família não gosta. Minha mãe sempre fala que eu deveria morar com alguém, minha avó, meu pai sempre falam também - *ah, você fica muito sozinha, na rua e não sei o que lá, você precisa morar com alguém, e se um dia você passar mal? Não vai ter ninguém pra te socorrer* -, aí eu falo que não, que eu me dou bem mesmo, e eu falo assim que eu me sinto solitária às vezes, mas digo que tá de boa e que vou continuar morando sozinha. Mas eles não gostam muito, não. Ficam preocupados.

ENTREVISTA 02 / DATA: 01.02.2017

Pesquisadora: qual a sua idade?

Luiz: eu tenho 21 anos.

P: como é o seu arranjo familiar?

L: meus pais são separados desde que eu era bem pequeno, e eu moro só com minha mãe. Não tenho muito contato com meu pai. Mas isso é uma coisa de poucos anos atrás, eu sempre tive contato e tal, ele me visitava, mas há um tempo ele parou, meio estranho, na verdade...

P: você tem irmãos?

L: não.

P: você morava só com sua mãe?

L: não, espera... Antes de 2007, minha família tinha 05 pessoas. Tinha eu, minha mãe, minha avó, minha tia e meu primo. Nós todos tínhamos um quarto só, era bem pobre a casa. E, daí, cada um tinha uma cama, mas era um quarto só bem grande, daí eram 05 pessoas na casa. Mas em 2007, minha vó e minha tia morreram, daí a gente se mudou, foi morar só eu e minha mãe.

P: como foi essa experiência essa experiência de dividir o mesmo quarto com seus outros familiares e depois morar somente com sua mãe?

L: eu acho que nunca me importei, porque eu sempre vivi desse jeito, eu não ligava de dividir quarto, pra mim era completamente normal. Quando eu fui morar com minha mãe, eu tive um quarto só pra mim, aí eu vi que existia outra coisa, e até que é legal ter privacidade, eu não sabia que isso existia. Aí quando eu tive um quarto, vi que podia ter minhas coisas, ter meu espaço e minha bagunça.

P: como é sua fonte de renda aqui em Assis?

L: Sim, eu recebo uma bolsa de um projeto de extensão que participo. Mas no aluguel e essas coisas, minha mãe ainda me ajuda.

P: qual a profissão da sua mãe?

L: ela é policial militar.

P: qual é a escolaridade dela?

L: ela tem o ensino médio completo, não fez faculdade.

P: há quanto tempo você mora sozinho aqui em Assis?

L: desde de junho do ano passado, 08 meses.

P: e onde você morava antes?

L: eu estou no terceiro ano, então no primeiro e segundo ano, eu morei com outras pessoas. No primeiro ano foi péssimo, porque eu cheguei na terceira lista e não tinha mais nada pra alugar, então eu fiquei com o que sobrou, sabe? Eu fui morar num prédio/pensão. Daí a gente dividia 01 apartamento com 03 pessoas. E daí o quarto que tinha sobrado, era o quarto o que dividia com outra pessoa. Tinha 02 quartos, em um a pessoa ficava sozinha, no outro dividia. Eu nunca me importei em dividir coisa, sabe? Na verdade, era uma pessoa que eu não conhecia, então podia ser perigoso. Mas eu decidi arriscar e tal. E no fim eu não deveria ter feito isso, porque foi um porcaria. Porque, assim, eu estudo período integral, então, eles faziam um curso noturno, então eles tinham um outro ciclo de vida, eram mais noturnos, então eles chegavam a noite e ficavam acordados. Faziam jantares e festas, falavam alto, daí eu não conseguia dormir. Então o único horário que eu podia estudar era durante o dia, quando eles estavam dormindo, mas eu estava em aula, então não tinha como. Não tinha como estudar, as coisas eram sujas, a gente não podia contar com eles. Um deles até que me ajudava nas contas, mas o outro era um problema, sabe? E não era porque ele não tinha dinheiro, era porque ele não queria pagar, sabe? Porque nenhum de nós era rico ou tinha dinheiro sobrando, então a situação foi bem complicada. Aí esse menino que pagava as contas direito, fui morar com ele no segundo ano, porque ele parecia ser bonzinho. Aí no segundo ano eu tive problemas com ele também, por um monte de coisas, porque a gente dividia compra, e daí ele comprava umas coisas completamente desnecessárias, e as coisas essenciais acabavam faltando. E ele era meio mimado, tudo que ele quisesse, a avó dele fazia, então você já deve imaginar. Depois de um tempo deixamos de dividir as compras, então percebi que gastava muito menos. Depois tive uns problemas com ele e a moça do prédio, porque eles se juntaram, sabe? Foi uma parte desgraçada da minha vida... risos... Foi péssimo,

mesmo! Porque a gente alojou no apartamento um garoto que era calouro, sabe? E daí ela não queria que ele pagasse, que a gente pagasse o aluguel todo, e depois ela cortou nossa luz... Foi péssimo. Aí depois que eu tive esses problemas, saí de lá e fui morar sozinho.

P: nesse apartamento vocês dividiam o quarto?

L: não, eram dois quartos separados. E daí a gente dividia o aluguel e as contas. Agora estou numa quitinete, tem a cozinha, aí tem um quarto que é um pouco grande e o banheiro.

P: e como está sendo morar sozinho?

L: muito bom! Risos.

P: você já tinha essa vontade antes, já imaginava essa possibilidade?

L: na verdade, eu tinha essa vontade desde que tinha chegado aqui. Quando eu cheguei e morei com 03 pessoas, eu achava que era super legal, sabe? Ter um ambiente com outras pessoas. Mas isso só dá certo quando você dá sorte, ou quando você conhece a pessoa. Como eu fui muito na descoberta, não foi bom. Mas quando vi que as coisas não estavam boas, tive vontade de morar sozinho. Mas nunca fiz isso por causa de dinheiro, mas com a bolsa consegui um pouco de ajuda, consigo cuidar das minhas contas com esse dinheiro.

P: então só a partir do momento que você conseguiu a bolsa que você pode concretizar isso?

L: é, o financeiro me impedia.

P: como é a sua rotina? Você cozinha? Limpa sua casa?

L: sim, eu limpo minha casa, lavo minhas roupas, cozinho, faço tudo.

P: você já sabia cozinhar antes ou aprendeu aqui?

L: já.

P: você já passou por algum momento de dificuldade, nesse meio tempo, morando sozinho?

L: de que tipo?

P: por estar sozinho. Uma dificuldade que não teria passado se estivesse com outras pessoas.

L: ah, deixa eu pensar... Uma coisa que eu não consegui resolver sozinho... Ah, quando eu fui instalar o chuveiro. Justo no dia que cheguei. Eu não lembrava como fazia pra juntar os fios.

P: você já tinha feito isso antes?

L: na minha casa, só que era um outro conector. Aí eu fiquei pensando, pensando, pensando, aí eu falei – *vou numa loja de material de construção descobrir o que acontece* – aí fui lá e falei – *moça, me ajuda!* – e ela – *ah, compra esse aqui ó* -, totalmente calma, ela me deu um conector de porcelana que não retém calor, aí não tem problema dos fios derreterem, aí eu fui, aparafusei, e deu certo. Precisei da ajuda de outra pessoa.

P: e você considera a hipótese de morar com outras pessoas novamente?

L: ah, não é impossível, não. Mas teria que ser uma pessoa que eu conheço e que eu me dou bem, né? Eu não tentaria mais com alguém que não conheço. Mas eu teria que pensar bastante, risos... Porque agora, na situação que estou, não tenho problema com dinheiro, sabe? Não que eu tenha dinheiro sobrando, não. Mas com meu dinheiro, dá pra me virar.

P: como é a relação com seus vizinhos? São estudantes também?

L: sim, uma das minhas veteranas é minha vizinha, tinha uma moça que morava na minha frente, conversava comigo, mas ela se mudou, foi embora. Mas só a minha vizinha, porque os outros apartamentos são alugados, mas as pessoas não ficam lá, é bem quieto, só tem eu, minha vizinha, e um garoto que não fala com ninguém.

P: mas você já conhecia antes sua vizinha?

L: sim, já conhecia antes, na verdade, foi sorte ela morar lá.

P: quantos quitinetes tem lá?

L: são 06 quitinetes, são 02 portões do mesmo dono, onde eu moro são 06, e no outro lado, são 10.

P: e como foi a construção das suas amizades em Assis? Sentiu que teve alguma diferença quando foi morar sozinho?

L: eu acho que não teve diferença... Acho que teve diferença em mim. Minha personalidade mudou um pouco, eu... Não sei... Me senti mais independente, mais confiante. Porque eu tinha problemas, e tinha que resolver sozinho, sabe? Mas desde que eu morava no apartamento. Mas acho que teve uma mudança desde quando tive um quarto só pra mim. Daí quando fui morar sozinho, aumentou mais. Acho que faço amizade mais facilmente.

P: então morar sozinho favoreceu o seu contato com as pessoas?

L: um pouco... Um pouco... Mais pelo fato da minha mudança interior, entende?

P: o que sua mãe, seus amigos, acham de você morar sozinho?

L: a minha mãe gosta, ela acha que sei me virar e tal. Ela confia bastante nesse aspecto. E meus amigos acham legal, porque a maioria deles diz que não conseguiria morar sozinho, sabe? Eles meio que admiram quem mora sozinho, porque acho que eles não confiam neles, mas acho que se eles tentassem, daria certo. Não é tão difícil quanto parece.

P: seus amigos vão na sua casa?

L: sim, é muito bom porque você pode receber pessoas na sua casa.

P: e como você definiria a solidão? De um modo genérico.

ENTREVISTA 03 / DATA: 02.02.2017

Pesquisadora: qual a sua idade?

Giovana: eu tenho 21.

P: como é o seu arranjo familiar?

G: meus pais são casados e eu tenho 01 irmão mais velho.

P: Qual a profissão dos seus pais?

G: minha mãe é aposentada, antes ela era bancária, e meu pai é advogado.

P: qual a escolaridade deles?

G: superior completo, os dois.

P: você sabe dizer, mais ou menos, a renda mensal da sua família?

G: eu nunca sei muito bem, assim... Mas acho que em torno de uns 12 mil, mais ou menos.

P: como era a casa onde você morava antes de vir pra Assis? Morava com seus pais mesmo?

G: sim, a gente morava num sobrado, aí meus pais tinham o quarto deles com banheiro, meu irmão tinha o quarto dele, eu tinha o meu e a gente dividia o banheiro. Na parte de baixo tinha a cozinha, a sala, o escritório do meu pai e uma edícula no fundo. Meu irmão saiu antes de mim, pra estudar fora, ele saiu em 2010, eu acho... Então eu fiquei uns 04 anos morando só com os meus pais.

P: você sempre teve um quarto só seu?

G: Não, quando eu era criança, dividia com meu irmão, mas isso foi no máximo até uns 06 ou 07 anos, eu nem me lembro direito.

P: você gosta dessa casa? Ou prefere ficar aqui em Assis?

G: eu gosto de lá, mas o que eu gosto daqui, é da independência, porque meus pais são bem superprotetores, então eu não podia fazer tudo que eu queria, sair a hora que eu queria, voltar a hora que eu queria... Aqui, não, eu posso deixar a casa bagunçada, arrumar quando eu quiser, ainda mais por morar sozinha. E lá eu gosto que, quando eu volto, minha mãe faz tudo, então eu me sinto bem lá, mas eu também gosto muito daqui.

P: essa superproteção é com você e seu irmão?

G: sim, muito. Comigo e com ele.

P: e como você se mantém financeiramente aqui em Assis? Seus pais ajudam? Você tem bolsa?

G: eu já tive bolsa, mas no momento eu não tenho, só uso o dinheiro que meus pais mandam, mesmo. Eu estava indo atrás de um trabalho, mas eu não consegui nada ainda. Mas é mais porque eu quero, mesmo, ter essa experiência de ter o meu dinheiro, porque minha fala que eles estão conseguindo me manter, e enquanto eles puderem, eles vão me manter, mas era mais por vontade minha, mesmo.

P: você sempre morou sozinha em Assis?

G: não. Faz 01 ano. No primeiro ano eu dividi com outras meninas, e eu dividia quarto também com uma e a outra tinha o quarto sozinha. No ano retrasado, eu mudei, fui com outras 02 meninas, mas aí eu tinha meu quarto e meu banheiro, e elas dividiam o banheiro, e cada uma tinha seu quarto. Ano passado fui morar sozinha.

P: como foi a escolha pela primeira casa em que você dividiu o quarto?

G: então, eu fui chamada, já tinha 01 mês de aula, porque eu fui *telexbixo*, então quando cheguei aqui, não tinha mais nada pra alugar. Aí eu fiquei morando na casa da mulher que é dona do prédio do lado por 01 mês, então foi bem complicado. Aí teve a greve, então eu fiquei 04 meses em casa, e durante a greve, uma das meninas desse prédio saiu, e aí surgiu essa vaga pra eu entrar. Então não foi escolha, e elas não tinham nada a ver comigo, foi difícil.

P: e quando você mudou para o outro apartamento foi uma escolha?

G: sim, era um prédio que eu via sempre e falava – *ah, mãe, quero morar lá!* -, mas parecia que era difícil, que nunca tinha vaga, é um prédio mais familiar. Aí minha mãe conseguiu, eu fiquei morando 01 mês sozinha antes das meninas mudarem pra lá, aí eu consegui conhecer elas antes, ver bem quem eu ia colocar pra morar comigo, então foi bem mais calmo.

P: e o que fez você pensar em morar sozinha depois? Foi uma escolha também?

G: foi. Porque 01 dessas meninas foi embora, desistiu do curso no final do ano, e a outra, por mais que eu já tinha conhecido ela, era uma amiga do meu namorado, daí então eu falei - *ah, vai ser mais tranquilo morar com ela* -, só que ela não se deu muito bem com a gente, então ela quase nunca ficava em casa, ou quando ela ficava, ficava trancada no quarto. Daí a gente queria fazer janta junto, ela nunca socializava. Então isso ia me incomodando, a gente estava tomando café, ela passava e não olhava nem na nossa cara, coisa de falta de educação. Isso foi me incomodando muito, falei pra minha mãe que eu não queria mais ter que procurar outras 02 pessoas que eu não conhecia pra passar tudo isso novamente, e eu queria morar sozinha, e aí que ela aceitou e eu fui atrás de uma casa sozinha.

P: e onde você mora agora é um apartamento? Quitinete?

G: é uma quitinete, mas é num condomínio com várias quitinetes, então eu moro sozinha mas, ao mesmo tempo, eu não estou sozinha. Porque são várias, assim, dos lados, atrás e em cima, e no meio é o estacionamento, então você vê a casa do outro e tal. Mas aí eu moro sozinha na minha quitinete.

P: e como tem sido morar sozinha? Você tem notado diferenças em relação às suas outras experiências de moradia?

G: eu gosto porque eu sei que se eu deixar sujeira, eu vou chegar e só vai estar o que eu deixei. Se tiver louça é porque eu deixei. Eu posso deixar as coisas do jeito que eu quiser que ninguém vai incomodar, ou se eu limpar, sei que vai ficar limpo. Eu gosto de ter meu espaço, de poder ficar do jeito que eu quero, fazer o que eu quero. Mas, ao mesmo, às vezes eu sinto falta de ter alguém daí conversar, fazer uma comida, fazer algum coisa junto. Só que como nunca tive isso nos outros 02 anos, então é meio que um sonho idealizado, é bem complicado.

P: e você que cozinha? Que cuida da casa? Já fazia isso antes?

G: sim. Antes eu fazia o básico, aprendi muita coisa aqui.

P: quando você dividia o apartamento já fazia esse tipo de atividade?

G: já.

P: você considera morar com outras pessoas?

G: eu considero, só que é uma coisa que vai ter que se muito bem pensada. Eu já tenho que conhecer a pessoa, porque eu não estou mais disposta a ter que passar por esse processo de dividir pra conhecer a pessoa. Mas eu considero por sentir essa falta às vezes.

P: você disse que está sozinha e não estão, ao mesmo tempo. Você conheceu algum deles?

G: tem só uma que eu sou bem amiga, ela é da minha sala, só que ela mora em baixo, e eu moro em cima.

P: vocês já se conheciam antes?

G: já, porque já estudávamos juntas, e mudamos no mesmo período pra lá, no ano passado também. Então de vez em quando eu vou lá dar um oi pra ela, de vez em quando, ela sobe em casa, mas os outros são bem fechados, não tenho muito contato.

P: você sentiu alguma diferença em relação aos seus vínculos de amizade desde que você foi morar sozinha?

G: muita! Os vínculos de amizade daqui ou da minha cidade?

P: os dois.

G: por exemplo, da minha cidade, não foi nem morar sozinha, foi sair de casa, já senti muita diferença em relação ao pensamento, porque a maioria das minhas amigas de lá, continuaram lá, fizeram faculdade particular, estão no mesmo mundinho. Aí eu abri muito minha cabeça, então não consigo mais ter muita conversa com elas. Com as minhas amigas daqui não senti muita diferença de morar sozinha ou dividir, continuou a mesma coisa.

P: o que sua família e seus amigos acham sobre morar sozinha?

G: minha mãe não gosta muito, ela é muito preocupada, fica com medo de eu passar mal e não ter quem chamar. Meu irmão também mora sozinho a mais tempo, mas ela sempre tem muito medo, sempre pensa no negativo. Então se ela ligou e não atendeu, ela já acha que tá morrendo. Ela não gosta por isso, mas ela aceita, porque ela sabe da dificuldade que eu passei dividindo.

P: e você já chegou a passar alguma dificuldade?

G: mais ou menos... Teve um dia que choveu muito, muito, mas aí eu estava com meu namorado e ele me ajudou a secar tudo. Tive que ligar para o cara que administra e falar que alagou, tiveram que ir lá arrumar. Mas de passar mal, essas coisas, não.

ENTREVISTA 04 / DATA: 06.02.2017

Pesquisadora: qual a sua idade?

Bruno: 20 anos.

P: como é o seu arranjo familiar? Você morava com seus pais?

B: sim, meu pai e minha mãe, e eu sou filho único.

P: eles são casados?

B: sim, sim.

P: qual a profissão deles?

B: minha mãe é manicure e meu pai funcionário público, na área de escritório, um auxiliar administrativo.

P: qual é a escolaridade deles?

B: minha mãe é fundamental 1 completo, até a quarta série; e meu pai ensino médio completo.

P: e como era a casa que você morava? Tinha um quarto só pra você?

B: sim. Eram 03 quartos, da minha mãe e do meu pai, um meu e outro do meu avô que morava com a gente, mas já é falecido. Faleceu em 2009. Aí, tinha uma sala, uma copa, uma cozinha, o quintal é amplo, mas a casa em si é pequena. Meu pai costuma brincar que pra mudar de pensamento você precisa sair de tão pequena que é, risos.

P: você gostava de morar lá? Como é essa experiência de ser filho único?

B: é bom, porque daí você faz o seu horário, né? Apesar de que eu fazia um horário que é igual dos meus pais, então sempre estudei de manhã, na parte da tarde, um pouco até a noite, estudava, mas é aquela coisa, se você tem um irmão, pode ser que não bata o horário, aí tem luz acesa, apaga luz, aí fica difícil. Mas era bacana.

P: como é sua fonte de renda aqui em Assis?

B: eu tenho uma bolsa de iniciação científica.

P: seus pais também te ajudam?

B: sim.

P: Há quanto tempo você tem a bolsa?

B: eu tenho desde agosto de 2015.

P: e há quanto tempo você mora sozinho?

B: desde quando eu ingressei na faculdade, 2014.

P: e como foi essa escolha por morar sozinho? Você já pensava nisso antes vir?

B: não, confesso que não. Na verdade, a hipótese inicial era ir pra São Paulo, fazer USP. Eu prestei UNESP, USP e UNICAMP e fui aprovado aqui. Em São Paulo tenho um tio e duas primas, então eu já tinha um local pra ficar. Mas eu e meus pais começamos a pensar como seria, quando passei, mesmo. Porque, até então, não tinha mais ou menos em mente como seria. Já tinha visto alguma coisa da cidade, no *Google Maps* passei um pouquinho pela cidade, mas na questão de moradia, foi quando realmente saiu a chamada que daí a gente veio no dia da matrícula e fomos procurar isso. Acabou que, o primeiro lugar que a gente encontrou, estou lá até hoje.

P: seus pais também tinham essa preferência? Que você ficasse morando sozinho?

B: sim.

P: como é a sua residência? É quitinete?

B: é quitinete, mas não é prédio. É térreo e a dona mora na frente, então ela tem uns cômodos no fundo. É o quarto, cozinha e banheiro.

P: você tem algum tipo de contato com seus vizinhos?

B: tenho mais contato com o vizinho do lado, mas ele trabalha, então ele fica boa parte do tempo fora. Às vezes eu chego ele não tá, às vezes eu saio ele tá. Mas já tive outros vizinhos, estudantes da UNESP, inclusive, mas o contato mais próximo é com esse.

P: e como tem sido morar sozinho? Como foi a adaptação ao chegar em Assis?

B: é... Porque você está acostumado na sua casa você pode... Por exemplo, eu costumo boa parte do tempo, eu estou estudando, mas às vezes você para e tem com quem falar, tem pai, tem mãe, tem discussão familiar, você conta o que fez na escola. Aí você vem no primeiro ano, em 2014 eu senti que chegava e não tinha a família pra conversar, mas acostumei. O curso começa, correria, então aí já toma boa parte do tempo, e você nem tem mais tempo pra ficar pensando em saudades, essas coisas.

P: então não tiveram grandes dificuldades de adaptação?

B: não... Acho que minha mãe sentiu um pouco, os dois, né? Mais a mãe. Mas já acostumou, também. Porque, geralmente, como é próximo, eu tento ir com uma certa frequência pra casa, a cada 15 dias ou 01 vez por mês.

P: e você sabe cozinhar? Você que cuida da sua casa?

B: eu que limpo. Comida, às vezes, no restaurante universitário, *marmitex*, mas de final de semana eu faço.

P: você já sabia?

B: não, aprendi antes de vir. Minha mãe me ensinou.

P: e você já passou por algum momento de dificuldade morando sozinho?

B: sempre tem, porque você tá acostumado – *ah, pai, você pode me ajudar?* – e aqui você tem que resolver sozinho. Teve o caso da internet que não estava funcionando, o vizinho não queria mais, e o cabo estava na casa dele, e eu tinha que transferir pra minha, foi maior transtorno, porque tive que chamar a empresa, tentar ser tranquilo com ele, porque ele não estava sendo, então sem a família por perto é ruim. Tive que administrar isso.

P: você considera a hipótese de morar com outras pessoas?

B: no momento, não. Mas futuramente não sei o que pode acontecer. Vai ser um tanto quanto difícil, mas se houver a necessidade. Primeiro a universidade, preciso acabar o curso, se eu precisar, sem dúvida.

P: você acha que sua bolsa é fundamental pra ter condição de morar sozinho?

B: com certeza, sem ela não daria. Tive outras 3 bolsas desde o começo do curso.

P: E como foi a construção das amizades aqui em Assis? Você acha morar sozinho teve alguma influência nesse aspecto?

B: confesso que me dou bem com todos. Um círculo de poucos, mas bons amigos. Foi muito mais satisfatório do que no meu ensino médio, sem dúvida alguma. Porque no ensino médio era aquela coisa, se tinha trabalho, um fazia e os outros não. Daí você chega aqui e se depara com pessoas que também fazem, então desde o primeiro ano, meu grupo de seminário e trabalhos é o mesmo. E o contato... Eu sou um pouco mais restrito, não tenho tanto contato fora daqui, no sentido de ir em festas, essas coisas. Eles são mais ou menos iguais a mim, também.

P: e sua família e amigos tem alguma opinião sobre você morar sozinho?

B: não, não. É mais tranquilo pra você estudar, não tem que dividir as coisas, e tem a necessidade do curso e da pesquisa, então você tem que ter mais tempo, tem que se dedicar mais e sozinho é melhor. Minha família falou – *vamos ver, se você conseguir uma bolsa, a gente vai adequando* -, claro, não é fácil, tem avó que ajuda, tio que ajuda, pra continuar dessa forma, mas enquanto vai apertando daqui e de lá, dá pra ir fazendo. Mas já estou quase na reta final do curso também.

P: você não usa a biblioteca? Prefere estudar na sua casa?

B: eu gosto da biblioteca, mas eu prefiro em casa. Até porque, no ensino médio eu sempre estudei em casa, então eu já venho de uma tradição de estudar em casa, então eu mantive. Mas eu gosto da biblioteca, a gente se reúne pra trabalho e tal.

ENTREVISTA 05 / DATA: 08.02.2017

Pesquisadora: qual a sua idade?

Natália: eu tenho 22.

P: como é o seu arranjo familiar? Com quem você morava antes de vir pra Assis?

N: eu morava com minha mãe, meu padrasto e minha irmã.

P: Como era essa casa? Você dividia quarto?

N: no começo, eu dividia, quando a gente era mais nova. Depois a gente mudou de casa, e cada uma tinha o seu quarto. E quando eu vim pra faculdade, minha irmã já tinha ido morar fora também. Mas até então, cada um tinha o seu.

P: e qual a profissão dos seus pais?

N: minha mãe era escritã, no fórum, mas ela já está aposentada; e meu padrasto é veterinário, mas também está aposentado.

P: qual a escolaridade deles?

N: os dois tem nível superior completo. Minha mãe fez pós também.

P: e como é sua fonte de renda aqui em Assis?

N: eu trabalho. No começo, quando vim pra cá, era minha mãe que pagava tudo, aí eu comecei a trabalhar, dou aula de inglês, aí agora eu que pago tudo. Eu vim pra Assis fazer um curso, mas depois de 01 ano e meio, desisti. Comecei a trabalhar e, no ano seguinte, ingressei em outro curso. Desde então, continuo estudando e trabalhando.

P: há quanto tempo você mora sozinha?

N: agora, desde o começo desse ano. Ano passado, eu estava morando com uma colega. Mas, antes disso, eu já tinha morado sozinha também. No começo de 2015 eu fui morar sozinha, na casa onde moro agora. Lá pelo meio do ano, um amigo meu foi morar comigo, ele saiu e eu morei sozinha o resto do ano. Em 2016 foi uma amiga morar comigo, e ela saiu no final do ano passado. No total, eu devo ter ficado uns 08 meses morando sozinha.

P: logo que você chegou em Assis morou em república?

N: era, não era muito grande, mas era uma *mini-república*, eu morava com mais 02 pessoas.

P: você identifica alguma diferença comparando suas experiências de ter dividido casa e agora morando sozinha?

N: logo que cheguei, foi bem estranho. Porque você tá acostumada a morar com a família e tal. Eu demorei um pouco pra me acostumar. Não sabia muito bem como me relacionar com as pessoas que eu morava junta, mas depois foi tranquilo. Eu acho que o problema maior é a questão de trazer gente em casa, num horário que você está precisando estudar, ou que você está dormindo e, por mais que não seja muita gente, sempre faz barulho, incomoda um pouco. Essa menina que morou comigo ano passado, o maior problema foi esse. Sempre tinha muita gente em casa, ficava muito barulho e tal. A limpeza também é um problema porque daí você tem que dividir e tudo, então acho que morar sozinho é bem mais tranquilo nisso. Fica um pouco mais caro, porque você precisa pagar todas as contas sozinho, mas é mais tranquilo. Você tem mais liberdade pra fazer o que você quer, quando você quer.

P: e você chegou a ter a experiência de dividir quarto?

N: não, nunca dividi quarto.

P: onde você mora é quitinete? Apartamento?

N: é um sobrado com dois quartos.

P: como surgiu a oportunidade de morar sozinha? Foi uma escolha?

N: foi uma escolha. Porque no começo eu quis morar com outras pessoas pra não ficar muito caro, até porque minha mãe que pagava, então eu só fui morar sozinha quando eu ia pagar, porque daí eu tinha consciência de quanto eu podia gastar ou quanto não podia. Então eu escolhi morar sozinha.

P: e é você quem cuida das atividades domésticas?

N: sim.

P: já era um costume antes de morar sozinha?

N: sim, lá em casa, como minha mãe sempre trabalhou o dia inteiro, era mais e minha irmã que cuidava da parte doméstica, aí quando fui morar com outras pessoas, a gente também dividia, e agora sou eu que faço.

P: você considera a hipótese de morar com outras pessoas, de voltar a dividir sua casa?

N: não. Ano passado eu fiz isso porque, como eu recebo por hora-aula, eu queria diminuir minha carga horária do trabalho por causa da faculdade, então daí eu coloquei uma menina pra morar comigo, pra dividir as despesas. Mas me arrependi, não quero mais.

P: é um condomínio onde você mora? Tem alguma relação com seus vizinho?

N: sim, são 05 sobradinhos, a gente conversa quando precisa resolver alguma coisa, a gente tem um grupo no *WhatsApp*, são só 05 pessoas, porque é pequeno, mas a gente conversa. Por exemplo, a gente não tem síndico, então é uma das moradoras que fica responsável, então ela passa quanto deu as contas, aí a gente vê quando precisa de jardineiro... Então a gente conversa o básico.

P: você tem amizade com algum deles?

N: amizade não, só vizinhança.

P: sobre esse assunto, como que aconteceram suas relações de amizade em Assis?

N: é fácil até... Porque, quando você chega, todo mundo está na mesma situação, tanto que a maioria dos meus amigos eram do primeiro curso que ingressei, quando mudei de curso, aconteceu a mesma coisa, como estudamos juntos, a gente acaba se aproximando, então foi tranquilo.

P: e a partir do momento que você foi morar sozinha, você sentiu alguma mudança em relação às suas amizades?

N: não, acho que não... Porque as pessoas com quem eu morava, não eram meus amigos. Eles eram meus colegas. Me dava bem e tudo, mas eu não fui morar com pessoas que já eram minhas amigas. Conheci essas pessoas pelo grupo do *Facebook* quando eu vim... Então acho que não, porque eu nunca morei com amigos.

P: a sua família ou seus amigos dizem alguma coisa sobre você morar sozinha?

N: minha mãe prefere porque ela acha mais tranquilo, não tem nada me atrapalhando, tirando privacidade, esse tipo de coisa. Até porque é num condomínio, se fosse numa casa, ela não iria gostar, porque é mais perigoso. Mas é bem tranquilo onde eu moro, então ninguém nunca falou nada negativo, positivo é essa questão de tranquilidade.